

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - CCSH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Janete Maria Ritter**

**O RITUAL DE VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO,  
SENTIDOS E SIGNIFICADOS:  
UM ESTUDO QUALITATIVO NA REGIÃO SUL DO BRASIL**

Santa Maria, RS  
2016

**Janete Maria Ritter**

**O RITUAL DE VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO, SENTIDOS E SIGNIFICADOS:  
UM ESTUDO QUALITATIVO NA REGIÃO SUL DO BRASIL.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como Requisito parcial para Obtenção do Grau de **Mestre em Psicologia.**

Orientador: Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana  
Co-orientadora: Profa. Dra. Camila Peixoto Farias

Santa Maria, RS  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RITTER, JANETE MARIA

O RITUAL DE VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO, SENTIDOS E SIGNIFICADOS: UM ESTUDO QUALITATIVO NA REGIÃO SUL DO BRASIL / JANETE MARIA RITTER.-2016.

83 p.; 30cm

Orientador: ALBERTO MANUEL QUINTANA

Coorientadora: CAMILA PEIXOTO FARIAS

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2016

1. MORTE 2. RITUAL 3. CEMITÉRIO 4. LUTO 5. VISITAÇÃO  
I. QUINTANA, ALBERTO MANUEL II. FARIAS, CAMILA PEIXOTO  
III. Título.

**Janete Maria Ritter**

**O RITUAL DE VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO, SENTIDOS E SIGNIFICADOS:  
UM ESTUDO QUALITATIVO NA REGIÃO SUL DO BRASIL.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como Requisito parcial para Obtenção do Grau de **Mestre em Psicologia.**

**Aprovado em 18 de abril de 2016:**

---

**Alberto Manuel Quintana, Dr.**  
(Presidente/Orientador)

---

**Carmem Lúcia Colomé Beck, Dra. (UFSM)**

---

**Elaine Gomes dos Reis Alves, Dra. (USP)**

Santa Maria, RS  
2016

*“Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas  
porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.”*

*(Rubem Alves)*

*Dedico este trabalho a todos aqueles que procuram viver a vida com toda intensidade.*

## AGRADECIMENTOS

*Ao Deus criador, por me permitir existir e aprender a cada dia.*

*Aos meus pais, por todos ensinamentos, principalmente quanto ao sentido da vida, que certamente tem me impulsionado a buscar o meu, mesmo que pensando na morte.*

*Às minhas filhas Gabriela e Eduarda, por entenderem minha ausência quando necessária, pelo carinho e incentivo; saibam que era com vocês que recarregava minhas baterias.*

*Ao meu marido Darci, por todo o apoio; sem tua ajuda, não teria conseguido concluir esta etapa que tanto desejava.*

*Aos familiares e amigos; não há como nomear cada um, mas todos foram fundamentais na busca da realização deste projeto; guardo significativamente em meu coração a lembrança de cada um de vocês.*

*Aos colegas do Grupo de estudos Interdisciplinares em Saúde, por todos os momentos e reflexões, angústias e alegrias. Sentirei saudades.*

*Aos colegas de Pós-Graduação e agora amigos Christiane, Rodrigo e Lucas, por tudo que compartilhamos, pois fizeram o caminho se tornar mais leve e possível. Obrigada de coração por me fazer sentir estar próxima, mesmo estando a quilômetros de distância.*

*Ao meu orientador, Professor Dr. Alberto Manuel Quintana, por acreditar que seria possível, pela paciência e contribuição no desenvolvimento desta pesquisa. Foram momentos de grande aprendizado, que certamente não fazem parte somente deste estudo, mas da minha história de vida.*

*À minha co-orientadora, Professora Camila Peixoto Farias, por todas as contribuições e considerações na construção deste estudo. Levo comigo todo o carinho e atenção dispensados durante todo o processo.*

*Aos Professores que fizeram parte da banca de qualificação, Maria Júlia Kovács, Carmem Lúcia Colomé e Lúcio Vasconcellos, pelas importantes contribuições que enriqueceram este trabalho.*

*A todos os Professores que deixaram um pouco de si ao longo desta caminhada e aos demais que, ao longo da vida, encontram-se internalizados em mim com suas riquezas.*

*À Universidade Federal de Santa Maria, por me acolher e ofertar tão amplo espaço para explorar o conhecimento.*

*Lembrar que estarei morto em breve é a ferramenta mais importante que já encontrei para me ajudar a tomar grandes decisões. Porque quase tudo, expectativas externas, orgulhos, medo de passar vergonha ou falhar, caem diante da morte, deixando apenas o que é importante”.*

*Steve Jobs*



## RESUMO

### O RITUAL DE VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO, SENTIDOS E SIGNIFICADOS: UM ESTUDO QUALITATIVO NA REGIÃO SUL DO BRASIL.

AUTOR (a): Janete Maria Ritter

ORIENTADOR: Alberto Manuel Quintana

Os ritos estão presentes em muitas fases de transição da vida humana e não é diferente na passagem da vida para a morte. No que se refere à morte, o homem vem modificando sua forma de se relacionar com ela, principalmente quando se fala de cuidar e enterrar seus mortos. Este estudo tem por finalidade compreender o significado da visitação a um cemitério para pessoas com entes queridos enterrados no mesmo. Trata-se de um estudo qualitativo com nove participantes que haviam perdido alguém próximo. O número de participantes foi atingido mediante o critério de saturação de amostra. Foram realizadas entrevistas semidirigidas e observações de campo, analisadas pelo método de análise de conteúdo. Os resultados apontam que as visitas despertam vários sentimentos, como a possibilidade de estender o cuidado para depois da morte ou até mesmo a culpa quando as visitas não são possíveis por algum motivo. Há a crença na existência da comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos e no espaço do cemitério como um local de estender a vida através da evocação de memórias e lembranças. Também observou-se o espaço do Cemitério Parque como um local que não se parece com um cemitério, por refletir a beleza e a vida, não sendo percebida a morte. Em contrapartida, o cemitério tradicional é visto como um lugar pesado e que remete à morte. Tais resultados evidenciaram o quanto, na contemporaneidade, prima-se pela praticidade, segurança e beleza, destacando-se, assim, a crescente terceirização do cuidado através do mercado funerário. Além disso, é possível inferir que, socialmente, procura-se banir a morte e o quanto novos espaços e serviços vêm correspondendo e consolidando a essa demanda social. Desta forma, é necessário que se reflita mais sobre os rituais na morte, destacando a área da Psicologia, que carece de publicações deste tema.

**Palavras-chave:** morte, ritual, cemitério, luto, atitude frente a morte.

## **ABSTRACT**

### **THE VISITING RITUAL TO THE CEMETERY, FEELINGS AND MEANINGS: A QUALITATIVE STUDY IN THE SOUTH REGION OF BRAZIL.**

AUTHOR: Janete Maria Ritter

ADVISOR: Alberto Manuel Quintana

The rituals are present in many phases of the human life's transition; it is not different in the transition of life to death. Referring to death, men have been modifying in their way of relating with it, mainly when the issue is taking care and burying their dead people. The objective of this research is to understand the meaning of visits to the cemetery where people have their beloved ones buried. This research is about a qualitative study with nine participants that have lost someone close to them. The number of participants was reached by the sample saturation standard. Semi directed interviews and campus' observations were made and analyzed. The results show that the visits awake many feelings, such as the possibility to understand the caring after death, or even guilt when the visits cannot be made for some reason. There is a belief in the existence of communication between the living and the death worlds and in the cemetery place as a local to understand life through the evocation of memories and regards. It was also observed that the Park Cemetery place is seen as a space that is not thought as a cemetery, by reflecting the beauty and the life, not realizing death. However, the traditional cemetery is seen as a heavy place that refers to death. Such results evidenced how much practicality, beauty and security are exceeded in contemporaneity, highlighting the increasing outsourcing of the caring through the mortuary business. Besides that, it is possible to conclude that society banes death and that how new spaces and services have been corresponding and consolidating this social request. Therefore, it is necessary that people reflect more about death rituals, highlighting the Psychology area which needs publications about this issue.

**Key words:** death, ritual, cemetery, mourning, attitude towards death.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA .....</b>	<b>24</b>
3.1. DELINEAMENTO .....	24
3.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	25
3.3. COLETA E ANÁLISE DOS DADOS .....	25
3.4. CONSIDERAÇÕES E ASPECTOS ÉTICOS .....	26
<b>4. ARTIGO 01 VISITANDO OS MORTOS, ESTENDENDO A VIDA: O SIGNIFICADO DA VISITAÇÃO AO CEMITÉRIO.....</b>	<b>27</b>
<b>5. ARTIGO 02 “A MORTE ESCRACHADA VERSUS A MORTE ESCONDIDA, ENTRE O PESADO E O BONITO”: ATRIBUIÇÕES NAS VISITAÇÕES AO CEMITÉRIO POR ENLUTADOS.....</b>	<b>50</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>
<b>8. APÊNDICE .....</b>	<b>76</b>
<b>9. ANEXOS .....</b>	<b>80</b>

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho compõe a Dissertação de Mestrado intitulada "O Ritual de visitação ao cemitério, sentidos e significados: um estudo qualitativo na região Sul do Brasil". Para sua configuração, optou-se pela estrutura em dois Artigos, por facilitar a divulgação e publicação dos resultados. Este método está em conformidade com o Manual de Estrutura de Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses (MDT) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2015), seguindo o que determina para a formatação e configuração de artigos científicos.

Esta modalidade tem por finalidade estimular a produção científica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) e dos pesquisadores docentes e discentes que dele fazem parte. Considerando estes apontamentos, esta dissertação foi organizada em capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução, abordando aspectos teóricos sobre a relação do homem com a morte e com os rituais pós-morte, a fim de fundamentar as análises posteriores. No segundo capítulo, são discutidos os aspectos metodológicos e a trajetória percorrida para a coleta e análise dos dados.

Os dois capítulos que seguem mostram estudos oriundos do trabalho de pesquisa, sob o formato de artigos. Nestes, propõem-se discutir o significado das visitas ao cemitério pelas pessoas que o fazem, onde possuem familiares enterrados. Na sequência, o último capítulo finaliza este estudo com as considerações finais sobre a proposta deste trabalho de dissertação.

*“Eu vi a cara da morte e ela estava viva”.*  
(Cazuza)

## INTRODUÇÃO

Embora haja vários autores que estudam a morte e suas relações com o homem, entre eles Ariès (1990), Elias (2001), Kovács (2013), e Parkes (1998), há poucos estudos, ainda, que se ocupam em pesquisar a relação das pessoas enlutadas pós-morte de um ente querido com o ritual de visitação ao cemitério. O ser humano é considerado o único ser vivo que tem consciência de sua própria mortalidade, diferenciando-se, assim, dos animais (ELIAS, 2001). No entanto, apropriar-se do saber da finitude pode, muitas vezes, fazer com que o ser humano evite confrontar-se com esta realidade como forma inconsciente de negar que ela possa acontecer consigo ou com alguém próximo.

Becker (2013), ao falar da negação da morte, comenta que o homem, ao nascer, não tem medo da morte por ainda não vê-la como possibilidade; apenas a partir dos 5 anos de idade é que ele inicia o processo de reconhecimento. Para o autor, mesmo que a criança não tenha consciência da morte, reconhece a angústia nesta fase, seja pela ausência da mãe, pelas frustrações, pela fome, entre outros exemplos. A isto o autor denomina como ansiedade pela perda do objeto. Ao questionar-se sobre a possibilidade de ser essa ansiedade o medo do aniquilamento, Becker (2013, P.33,34) refere alguns estudos sobre o tema, dizendo que “à medida que ela crescer e passar a compreender a morte de forma racional, por volta da idade de nove ou dez anos, irá aceitá-la como parte autoconfiante em relação à vida”.

Temendo a morte, historicamente o homem passou a afastar-se dela, usando dos recursos que a tecnologia foi dispendo e, com isto, transferindo a outros espaços o que antes era familiar. Um exemplo claro pode ser encontrado em hospitais e casas de repouso, local procurado por familiares quando se deparam frente à possibilidade de presenciar a morte do seu familiar. Assim, socialmente, vive-se de forma a não enfrentar a morte bem como tudo o que faz lembrar a perda. A negação pode servir como um mecanismo de defesa, como forma de proteção ao medo da morte, pois “não podemos olhar diretamente para a morte o tempo todo, mas também não podemos ignorá-la, pois ela impõe a sua presença” (KOVÁCS, 2013, p.25). Concordando, Becker (2013, P.37) menciona que “o temor da morte não pode estar presente de forma constante no funcionamento mental do indivíduo; caso contrário, o organismo não poderia funcionar”.

Até por volta de meados do século XIX, as pessoas morriam em suas casas, junto de seus familiares e, após a morte, ali eram veladas. Os rituais de despedida do corpo eram algo

que a família e amigos presenciavam de forma próxima e natural. Após este período, a morte passou a ser transferida para o ambiente dos hospitais junto a pessoas estranhas e não mais no seio da família. Para Elias (2001, p.30,31.), “nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades e nunca em condições tão propícias à solidão. O velório, que antes era nas casas, ganhou espaço isolado nas casas mortuárias, onde a dor é pouco compartilhada, pois esta precisa ser contida para não causar constrangimento aos presentes. O afastamento não ocorre só nos momentos finais da vida, visto que:

O afastamento dos vivos em relação aos moribundos e o silêncio que gradualmente os envolve continuam depois que chega o fim. Isso pode ser visto, por exemplo, no tratamento dos cadáveres e no cuidado com as sepulturas. As duas atividades saíram das mãos da família, parentes e amigos e passaram para especialistas remunerados. A memória da pessoa morta pode continuar acesa; os corpos mortos e as sepulturas perderam significação. A Pietá de Michelangelo, a mãe em prantos com o corpo de seu filho, continua compreensível como obra de arte, mas dificilmente imaginável como situação real (ELIAS, 2001, p.37).

Enfrentar a morte pode gerar medos e angústias, neste sentido, Kovács (2013) refere que o homem procura esconder e negar a morte. Um exemplo claro pode ser percebido nos cuidados com o cadáver quando a imagem precisa ficar a mais próxima possível da vida, usando técnicas modernas que vão ao encontro da dificuldade do enfrentamento da morte. Além do exemplo, o uso de caixões e o embalsamento do corpo para manter a imagem da pessoa viva fazem parte de ritos fúnebres. Tudo precisa parecer o mais natural possível, para que o terror da morte não apareça. Para Bayard (1996, p.13), “os cuidados dispensados ao cadáver dão uma imagem enaltecida da morte, imagem muito próxima da vida, no caso de nossas técnicas modernas”.

Ao procurar entender e conceituar a morte, Kastenbaum & Aisenberg (1983), procuram apontar para duas reflexões, para a morte do outro e a própria morte. Na primeira, seria o se dar conta da ausência da presença física e de sentimentos que geram desconforto interno. Cabe mencionar que a criança e o adulto enfrentarão esta situação de formas diferentes, justamente por estarem num nível de desenvolvimento distintos. A criança ainda não consegue ter a dimensão desta separação como os adultos, pois sua dimensão de tempo não é a mesma e isto precisa ser levado em conta. No que se refere à concepção de conceituar a própria morte, esta tem a ver com a consciência, num primeiro momento, de uma vida própria e, em seguida, de sua mortalidade. O conceito passa por uma dedução lógica de um

fim, seja por doença, acidente, futuro breve ou longo, mas como um evento final, no qual, a partir de então, não se vai mais sentir e agir. Ao mesmo tempo em que há a consciência da morte, a experiência de estar junto de alguém que está morrendo não faz com que possamos experimentar a morte. Assistir pode contribuir para a concepção da morte; no entanto, enquanto certeza, não há como saber, pois “nunca estive morto” (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983, p.9). A forma do homem se relacionar com a morte, a visão que terá da morte vai depender da imagem que criou internamente e individualmente sem deixar de lado a interferência da cultura.

Culturalmente, a vida é permeada de rituais que podem ser observados nas diferentes fases da vida humana, seja no nascimento, na transição da adolescência para a vida adulta, formatura, no casamento, etc. De acordo com Cassorla (1991, p.11), “a vida está cheia de rituais para exorcizar a morte”, citando datas comemorativas que celebram o fim de um ciclo como a comemoração do dia de Natal e de final de ano, carregada de rituais na alimentação, música, danças, etc. Para ele, “prepara-se a repetição do passado, para se ter a ilusão de que o tempo não passou”. A morte também tem seu ritual de passagem, pois aquele que morreu passa a pertencer a outro grupo, não mais fazendo parte do mundo dos vivos e sim do mundo dos mortos.

Segundo Chiavenato (1998), o ritual funerário tem sua origem no medo da morte que está presente desde os tempos primitivos até o dia de hoje. Acreditava-se que a morte era algo que acontecia por acidente ou por ordem dos deuses, pois o homem era visto como imortal, abrindo caminho para as religiões, fazendo surgir o conceito de alma imortal. A morte passa a ser vista como dons divinos, temendo-se a morte como uma revelação de Deus ou dos deuses. Vista como o maior dos castigos, o homem apega-se em amuletos e rituais que o ajudarão a dominar o medo do castigo maior, a morte. “O homem primitivo agradece aos deuses ou os acalma com rituais criados pelos limites da sua cultura” (CHIAVENATO, 1998, p.15).

Atualmente, a morte é vista como consequência de doenças, acidentes ou ferimentos. Este conceito mudou em alguns aspectos, mas a morte ainda segue sendo vista como manifestação divina. Juntamente com o medo da morte, havia o medo do retorno daquele que morreu e esta ideia alimentava rituais que auxiliassem na segurança dos vivos. Foi assim que surgiram os caixões, fechando-se os olhos dos mortos para que estes, se despertassem não encontrassem o caminho de volta. Algumas culturas e tribos mantinham o ritual de comer seus mortos, podendo ter um significado religioso ou identificatório. Os corpos picados e



divididos em partes eram consumidos de forma diferente entre homens, mulheres, jovens e crianças (CHIAVENATO, 1998). Estes rituais, apesar de serem primitivos, estão presentes ainda hoje, quando após o sepultamento a família se reúne para uma refeição. Exemplo claro deste ritual pode ser visto durante o velório nas casas mortuárias ao ser servido café, chá ou lanches para familiares e convidados (CHIAVENATO, 1998).

Segundo Bayard (1996, p.8), o rito tem seu valor no aspecto simbólico muito mais do que na ação concreta, pois “tem poder estruturador e tranquilizador que a ele recorreremos quando nos deparamos com uma situação nova e aleatória”. Criamos nossos próprios ritos a fim de que estes nos auxiliem na organização interna, ao acordar, ir à escola, trabalhar, dormir, e ritualizamos também o ritual funerário. Os ritos que têm como objeto a morte dividem-se em ritos de oblação e de passagem.

O primeiro “engloba as manifestações de solicitude e delicadeza com aquele que acaba de morrer”. A toailete mortuária retrata o cuidado com o corpo, a fim de lhe preparar para o renascimento. A exposição a familiares e parentes tem a função de retardar a separação e possibilitar o reconhecimento da realidade da morte, carregado de manifestações de respeito e amor dos vivos para com aquele que morreu. Seria ainda a possibilidade de atenuar o sentimento de culpa que se teve em algum momento da convivência, pois “a morte do outro sempre gera o desconforto da falta que se acredita haver cometido contra ele” (BAYARD, 1996, p.14). O segundo rito, de passagem, tem como função consagrar a separação do morto e dos vivos, além de ser um espaço de resgate simbólico. Genep (1978) definiu ritos de passagem como aqueles que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e idade, decompondo-o em Ritos de Separação, Ritos de Margem e Ritos de agregação.

Os ritos de separação são os mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais; os ritos de agregação, nas de casamento. Quanto aos ritos de margem, estes podem constituir uma secção importante como, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem na segunda para a terceira classe de idade, etc. (GENNEP, 1978, p.31).

O rito de separação será a fase do afastamento tanto individual quanto grupal, tendo a ver com o comportamento simbólico. O segundo denominado de margem será o intermediário entre o primeiro e o terceiro; neste, o indivíduo entra no processo do luto que será de acordo com a vinculação que havia entre o morto e os que seguem em vida. É no terceiro rito, o de

agregação, que se consuma a passagem; neste, haverá a suspensão das regras sociais como o uso de roupas pretas e o sujeito enlutado é reintegrado na vida social (TURNER, 1974). Gomes & Menezes (2011, p.119) falam da importância do ritual no processo de elaboração do luto, mencionando que o esvaziamento dos rituais altera a estrutura da personalidade, reforçando “maior controle individual sobre a expressão de sentimentos em face do sofrimento e da morte”. Neste sentido, a pessoa que sofre pela perda de alguém se vê forçada socialmente a controlar suas emoções, o que poderá dificultar o trabalho do luto.

Para Parkes (1998), o luto pode ser compreendido como uma reação normal após a perda de algo significativo; portanto, não é doença mental e sim um processo que o enlutado irá percorrer entre a perda e a aceitação desta. De acordo com o autor, “o luto é o acontecimento vital mais grave que a maior parte de nós pode experimentar” (PARKES, 1998, p.44), não sendo necessariamente advindo da perda por morte de alguém, mas sim de qualquer perda.

Freud (1974, p.275), em seu texto “Luto e Melancolia”, define luto como sendo “a reação a perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém e assim por diante”. Em alguns casos, o luto poderá ser confundido com a melancolia que, pelas características semelhantes, podendo ser definido como, “desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de autoestima”, sendo esta última perturbação ausente no luto.

O sujeito que vive a perda entra num processo definido por Freud (1974) como o trabalho de luto, quando o enlutado vai-se desligando do objeto que não possui mais, não podendo ser considerada como patologia. No caso da melancolia, a pessoa, assim como no luto, também sofre pela perda, mas não consegue identificar o que realmente perdeu, ou melhor, sabe quem ela perdeu, mas não o que ela perdeu. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (FREUD, 1974, p.278). Em relação ao trabalho de elaboração do luto, Parkes (1998, p.100) identificou que, neste, há uma ocupação de pensamentos em relação a perda e a procura pela mesma, seguido de “dolorosas lembranças repetidas da experiência da perda”, seguindo na direção da busca de um sentido para a perda.

Apesar de Kubler-Ross (1988) ter desenvolvido estudos com pessoas gravemente enfermas e com profissionais da saúde que lidam com a morte, os resultados destes podem ser estendidos e reconhecidos em familiares enlutados ou em qualquer experiência envolvendo

perdas. A autora definiu cinco estágios que fazem parte do luto, considerando que, nestes, não há uma ordem a ser seguida. O primeiro estágio apontado é o da negação, em que o enlutado nega o ocorrido como um mecanismo de defesa, em que expressões do tipo “isso não pode ser” ou “não é verdade” são comuns nesta fase. No segundo estágio, há um sentimento de raiva e revolta pelo ocorrido que toma conta do sujeito, muitas vezes contra si próprio, contra aquele que morreu ou até mesmo contra Deus, por ter levado a pessoa que tanto amava. A barganha faz parte do terceiro estágio, em que aquele que sofreu a perda procura negociar geralmente com Deus, como forma de resgatar o que perdeu. O quarto estágio é o da depressão, quando o enlutado entra num processo de tristeza e pesar, pois se defronta com a perda real; nesta fase, é comum o isolamento e o desânimo. A aceitação pela perda sofrida, segundo a autora, vem a ser o último estágio, lembrando sempre que não há uma ordem a ser seguida para os estágios, mas o enlutado irá percorrê-los durante o processo de elaboração do luto.

Cada fase vivida, mesmo que atinja um grupo de pessoas, reflete de forma diferente para cada pessoa, pois a maneira como cada sujeito irá sentir e passar pelo processo vai ser única e o tempo não será pré-determinado para o seu fim. Em alguns casos, mesmo depois de muito tempo, a pessoa poderá ser acionada por fatores externos a momentos de dor e saudade (PARKES, 1998). Segundo Ruschel (2006), na forma de enfrentamento deste processo terão influência a visão de mundo, a visão acerca de si mesma bem como o tipo de vínculo estabelecido com a pessoa que morreu. Outro fator importante mencionado pela autora está relacionado com a etapa de vida em que a pessoa se encontra, que poderá ser determinante na forma de enfrentamento do luto. Complementando, Kovács (2013, p. 51) fala que “o processo de luto está finalizado quando existe a presença da pessoa perdida internamente em paz e há um espaço disponível para outras relações”.

Por vezes, a manifestação da dor pela perda se torna algo insuportável à sociedade e o enlutado se vê obrigado a reprimir seus sentimentos. Para Morin (1970, p.75), “o luto exprime socialmente a inadaptação individual à morte; ao mesmo tempo, é o processo social de adaptação que tende a fazer cicatrizar a ferida dos indivíduos que sobrevivem”. Neste processo, é importante o apoio da família e da comunidade no sentido de facilitar a expressão da dor.

Ariès (1990) refere-se ao termo morte excluída no qual os sentimentos que a envolvem foram ao longo do tempo interditos, negados. Entende-se, na atualidade, que a manifestação pública da dor pode ser percebida como sinal de fraqueza, falta de educação,

pois o esperado é que as pessoas possam controlar os sentimentos, demonstrando, assim, força de vontade.

Considerando os aspectos sociais que envolvem a morte e o morrer, bem como seu percurso histórico, percebe-se o quanto a negação da morte e a ausência de rituais podem ser significativos no processo do luto. Parkes (1998) sugere que a ausência de rituais sociais que facilitem o luto colabora para a reação de luto complicado e comportamento desadaptado. Concordando, Mannoni (1995) comenta:

Os ritos de morte são cada vez mais simplificados. As conveniências exigem que o enlutado volte a uma vida normal depois de passado algum tempo determinado pelos costumes. O recalçamento da dor é exigido em lugar das manifestações outrora usuais (MANNONI,1995, p. 43).

Não há mais tempo para sofrer e elaborar a perda, pois a vida precisa voltar o mais rápido possível e a sociedade vai impondo como cada enlutado deve manifestar sua dor, visto que “mostrar o luto, hoje, é mostrar uma “desvantagem” ou, no mínimo, uma chateação” (CHIAVENATO, 1998, p.64). Aqueles que manifestam seu sofrimento são considerados anormais ou depressivos, pois o normal é não sofrer e, para parecer o mais normal possível, esconde-se a dor supondo ser este o ideal. São os vivos que falam e vivem a morte e se algum sentido pode ser atribuído a ela serão também os vivos que farão, repensando suas práticas e transformações (CHIAVENATO, 1998).

Ariès (1990) mostra uma visão histórica das modificações pelas quais passaram os cemitérios, principalmente a partir do século XIX, quando passou-se a pensar na higienização e na salubridade, levando os cemitérios, que até então eram nas igrejas ou ao seu lado, para fora das cidades. Segundo o autor, nestes cemitérios haviam dois espaços: “um era para as valas comuns ou as covas não cobertas por monumento e um espaço para as covas cobertas por um monumento e destinadas aos herdeiros dos direitos nas igrejas” (ARIÈS, p.538). Em relação às diferentes valas, Chiavenato (1998) cita que eram aos pobres destinados as valas comuns, enquanto que os ricos tinham a possibilidade de construir seus túmulos aproximando a ideia de uma cidade, com os ricos morando em bairros e ruas enquanto os pobres habitavam na periferia. Além do cemitério, havia, ainda, os proprietários de terras, que destinavam os corpos dos familiares no campo ou jardins de suas propriedades, sendo considerado como sepultura privada ou túmulos domésticos.

A nova configuração cemiterial levou junto para seus monumentos símbolos e aspectos que lembrassem a igreja, como pequenas capelas, santos e outros elementos.

Juntamente com a valorização da arte, o romantismo, através de epitáfios e da poesia, ganha espaço como uma forma de comunicação entre os vivos e os mortos. Segundo Ariès (1990, p.548), “o cemitério é um museu de belas-artes. Estas já não ficam reservadas à contemplação de amadores isolados; tem um papel social, devendo ser usufruídas por todos e em conjunto”. O grande investimento da arte criou verdadeiras obras artísticas nos monumentos, gerando curiosidades por parte da população, inclusive de estrangeiros, originando a ideia da visita ao cemitério. A igreja não ficou de fora, estimulando a visita aos cemitérios públicos, e estes se tornaram um local de visita e meditação, bem como de manifestações funerárias em relação ao apego dos vivos aos mortos (ARIÈS, 1990).

As mudanças advindas das modificações cemiteriais e do sepultamento passaram a não ser mais um ato religioso, mas que envolvia a atuação da polícia e da saúde pública. Em 12 de junho de 1804, um documento regulamentou os cemitérios e funerais, sendo este chamado de Decreto do rei de 23 de junho do ano XII. “O decreto confirma definitivamente a interdição de enterrar nas igrejas e cidades a pelo menos 35-40 metros de limites urbanos” (ARIÈS, 1990, p.562). Não seria mais permitido enterrar os pobres em valas, mas todos teriam o direito de ser enterrados um ao lado do outro e não mais uns em cima dos outros. Outra determinação foi a distância entre as valas e que estas não poderiam ser reutilizadas antes de um prazo de cinco anos, gerando, assim, a ocupação de grandes espaços físicos pelos cemitérios. Partindo da preocupação com a higiene dos cemitérios públicos e com a inconveniência de enterrar seus mortos em suas propriedades, passou-se a pensar em outras estratégias, criando os cemitérios particulares. Estes, denominados de cemitérios rurais, teriam paisagem natural e não comportariam mais monumentos, sendo substituídos por placas discretas demarcando a localização; desta forma, a aparência do cemitério passou a ser vista como a de um jardim (ARIÈS, 1990).

As diferentes formas de enterrar seus mortos seguem até a atualidade, despertando novos olhares e percepções. No entanto, se o cemitério tem um papel social, como citado anteriormente, há que se questionar o que este tem refletido socialmente. Neuhaus (2012), em sua pesquisa sobre as diferenças e semelhanças encontradas nos cemitérios da contemporaneidade, sugere que as diferentes formas arquitetônicas irão provocar distintas percepções e emoções nos visitantes. Em seu estudo, os tipos são divididos em clássico, jardim, galeria e contemporâneo.

O primeiro, clássico, tendo como exemplo o Cemitério Clássico Recoleta, tem o aspecto de uma pequena cidade, com suas ruas e pequenas casas, nos quais são valorizados símbolos religiosos, monumentos, anjos, cruzes, estátuas e adornos, que auxiliarão com a função de evocar a memória daqueles que morreram e da própria morte. No segundo, que tem como exemplo o Cemitério Jardim Saint Hilaire, exemplificando este tipo, fica exaltada a natureza, com vegetação, gramados, árvores e jardins. Este modelo, ligado a corrente romântica, segundo o autor, tinha o propósito de tornar-se um espaço meditativo. A Galeria dos Santos é tomada como exemplo do terceiro tipo, que são galerias formadas como edifícios contendo elevadores, corredores e escadas, comparadas a edifícios convencionais, sem o objetivo, como citado nos anteriores, de evocar memórias, nem tampouco de tornar o espaço como reflexivo. E, por fim, o cemitério contemporâneo, com sua origem na Europa, o qual contempla sepulturas e paisagens com o propósito de não tornar o espaço monótono, como no tipo Jardim ou invariável como nos tipos galeria. O autor mostra o Cemitério Contemporâneo da Igualada como exemplo e, segundo ele, evidencia-se uma grande diferenciação dos anteriores, não havendo um percurso definido no qual o visitante não terá a impressão de ter visitado espaço semelhante antes. Conclui o estudo afirmando que o cemitério contemporâneo proporciona maior interação do visitante com o ambiente pela caracterização única do ambiente que facilita a conexão de memórias entre o sujeito-espaço-morto.

Morin (1970) comenta que, por mais primitivo que seja algum grupo, este não abandonará seus mortos ou seus ritos. Mesmo com as transformações cemiteriais, as visitas ao cemitério seguem sendo realizadas de forma individual ou no dia que se comemora o dia de finados, data ritual comemorativa usada para homenagens. Bayard (1996) aponta que a homenagem aos mortos é comemorada em todos os povos, sendo este dia correspondente ao ciclo da natureza ou vegetação. Descreve sua origem no povo celta, quando, “em 998, o abade Odilon, beneditino de Cluny, ordenou que no dia 02 de novembro fosse celebrada missa solene por todos os mortos em Cristo” (Bayard, 1996, p.287). A partir de então, neste dia são prestadas homenagens aos que morreram através de orações, visitas ao túmulo levando flores e velas. Neste sentido, Catroga (2002) comenta que a comemoração do dia de finados é um rito eficaz para a memória dos mortos e para o destino dos vivos. Para ele, a visita ao cemitério é um rito de repetição no qual se repetem comportamentos.

Para Bayard (1996), o cemitério é o lugar da celebração dos mortos, com suas representações simbólicas que demonstram a relação com a morte e esta com seus rituais que foram se modificando ao longo do tempo, num processo de aceleração no qual tudo precisa

ser rápido, inclusive não se perder tempo com o ritual de visitação ao cemitério. No entanto, recomenda que é preciso se convencer da fragilidade de todas as coisas humanas diante dos túmulos dos mortos: “os sepulcros são escolas de sabedoria” (BAYARD, 1996, p.523). A morte, portanto, faz parte do ciclo da vida de todos os seres vivos, expressada e vivenciada de formas diferentes, com suas simbologias e significados.

Dentro deste contexto, o objetivo geral deste estudo consistiu em compreender o significado das visitas ao cemitério atribuído pelas pessoas que possuem algum ente querido enterrado no local. Como objetivos específicos, foi de verificar como as pessoas lidam com o processo de visitação ao cemitério. A relevância deste estudo está na importância para os profissionais que trabalham com o luto, os quais poderão ser beneficiados no sentido de que, compreendendo o significado atribuído pelas pessoas, se beneficiarão com a aproximação na relação profissional paciente. Outro fator relevante se dá por ser um campo empírico pouco explorado bibliograficamente. Há uma vasta literatura histórica da morte e do luto; no entanto, no que se refere à ritualização do processo, esta ainda é escassa.

## TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

### **Delineamento**

O objetivo deste capítulo consiste em esclarecer a trajetória da pesquisa bem como a compreensão da proposta para a realização deste trabalho. Optou-se pela abordagem qualitativa, tendo como objeto de estudo o homem e o setting, o ambiente natural.

De acordo com Turato (2011), uma das principais características deste método refere-se à interpretação dos sentidos e significações dos fenômenos. Acrescentando, o autor aponta que as angústias e ansiedades existenciais são consideradas como fundamentais, tanto do pesquisado como do próprio pesquisador. Outro aspecto relevante é que o pesquisador é o instrumento principal da investigação, pois, para Turato (2011), são as percepções do pesquisador que apreendem os fenômenos em sua consciência, os representa e elabora. Neste sentido, este estudo buscou centrar-se no processo, como se manifesta e acontece.

Minayo (2010, p.57) complementa apontando que o método qualitativo é aquele “que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

A fim de complementar o estudo, foram realizadas observações de campo. Para Weber & Beaud (2007), a observação consiste em perceber, memorizar e anotar e, para isto o pesquisador deverá procurar um lugar de observação, memorizar o que for observado, anotando as observações e comparando vários acontecimentos. Segundo o autor, ao anotar as observações, o pesquisador não a fará nem de forma literária nem filosófica e sim se preocupando em escrever o que for necessário para não esquecer. “Não se levará em conta a neutralidade e nada será interpretado no momento da observação, procurando dar ênfase às características e às emoções se preciso” (WEBER & BEAUD p.105).

Segundo Turato (2011), neste método as observações e auto-observações são levadas em conta não somente em relação ao campo a ser estudado, mas também nas entrevistas, ambas registradas pelo pesquisador. Para o autor, é de fundamental importância a observação e auto-observação durante toda a entrevista, quando é levado em conta o comportamento global do entrevistado, bem como as reações contratransferenciais, necessitando que fiquem registrados pelo próprio pesquisador.



Considerando os pontos abordados, este método vai ao encontro do objetivo desta pesquisa, principalmente por buscar significados e sentidos.

### **Participantes da Pesquisa**

Considerando a perspectiva de trabalhar com o critério de saturação, não houve uma preocupação com um número que fosse representativo para a pesquisa. Nesta modalidade, o pesquisador pode fechar a coleta de dados no momento que as informações coletadas passam a apresentar um número de repetições em seu conteúdo TURATO (2011).

Participaram do presente estudo nove participantes, entre eles oito do gênero feminino e uma do gênero masculino. A idade variou entre 21 e 60 anos de idade. Duas participantes haviam perdido seus maridos, três o pai, um o filho, duas a mãe e uma a bisneta.

### **Coleta e análise dos dados**

Os participantes foram selecionados pela Instituição usando dados registrados no banco de dados de seus clientes, sendo o familiar do primeiro sepultamento de cada mês do ano de 2014. Os candidatos eram convidados a participar do estudo após terem sido indicados pela administração. Este critério teve como objetivo a possibilidade de escuta ampliada, levando em conta o tempo da perda no período de um ano.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram entrevistas semidirigidas. As entrevistas contaram com um convite inicial aos enlutados para falar sobre sua perda, tendo como questões norteadoras os seguintes pontos: tempo da perda, grau de parentesco, da decisão pelo local do sepultamento, o motivo da visitação ao túmulo e os sentimentos que suscitavam as visitas. Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes com horários pré-agendados entre entrevistador e entrevistado e gravadas com o prévio consentimento do entrevistado. Anteriormente, foram esclarecidos dos objetivos do estudo e, após a concordância, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo realizadas as entrevistas gravadas nas quais constava o consentimento verbal para realizar a gravação.

Para a análise dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Esta etapa ocorreu de forma qualitativa através da Análise de Conteúdo, a qual foi sugerida por Minayo (2010)

por ser uma técnica usada para tratamento de dados de pesquisas qualitativas. Levou-se em consideração as fases de análise sugeridas por Turato (2011), destacando pontos relevantes, como as leituras flutuantes e a atenção para aquilo que não foi dito e dado a entender nas entrevistas.

### **Considerações e aspectos éticos**

Este estudo seguiu as recomendações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, regulamentadora das pesquisas com seres humanos. Aos sujeitos participantes da pesquisa foram esclarecidos os objetivos do estudo, dando-lhes total liberdade, sem coerção institucional ou psicológica. Após a concordância, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e realizadas as entrevistas gravadas, nas quais constam o consentimento verbal para a realização da gravação.

Para manter o anonimato dos participantes, os mesmos foram identificados com letras E para entrevistado (a), M ou F para masculino e feminino. Os números que seguem são de acordo com a entrevista realizada e a idade correspondente do entrevistado, respectivamente.

Por se tratar de uma pesquisa que envolvia uma instituição, a esta foi solicitada a assinatura do Termo de Autorização Institucional. As atividades de campo somente tiveram início após aprovação pelo Comitê de Ética, aprovado sob N° CAAE: 37530214.2.0000.5346.

Quanto aos riscos para a realização deste estudo, a pesquisadora teve a sensibilidade de atentar ao bem-estar dos participantes, tomando os cuidados necessários, levando em conta as questões pessoais e subjetivas de cada um. Em relação aos benefícios, considerou-se positivamente o espaço de escuta dos sentimentos e emoções como possibilidade terapêutica aos enlutados.

## ARTIGO 01

### **Visitando os mortos, estendendo a vida: O Significado da visitação ao Cemitério.**

#### **Resumo**

A relação que o homem vem estabelecendo com a morte e a forma de enfrentá-la produzem modificações na forma de manifestar sua relação com a finitude, considerando que o ser humano é o único ser a ter consciência de sua morte, enterrando seus mortos e mantendo um ritual de cuidado com o corpo depois da morte. Este estudo objetivou compreender o significado das visitas ao cemitério pelas pessoas no local onde seus entes queridos estão enterrados. Fizeram parte da pesquisa nove participantes, sendo oito do gênero feminino e um do gênero masculino. Entrevistas individuais semidirigidas foram utilizadas para a coleta de dados, utilizando do critério de saturação e análise de conteúdo qualitativa. Os resultados apontam que as visitas despertam vários sentimentos, como a possibilidade de estender o cuidado e manifestação de afeto, ofertando flores e orações em datas especiais ou em qualquer outra data. Há culpa presente quando a visita não pode ser realizada por algum empecilho ou até mesmo quando o enlutado sente o desejo de ir, mas não consegue por algum bloqueio emocional, assim como a negação da morte. Há crença na existência da comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos e no espaço do cemitério como um local de estender a vida através da evocação de memórias e lembranças. Dadas as análises realizadas, ressalta-se a importância de se refletir mais, principalmente na área da Psicologia, sobre a importância dos rituais.

**Palavras chave:** morte, ritual, cemitério

**Abstract**

The relation that men have been establishing with death and the way they face it have been making changes in the way of expressing their relation with finitude. Considered the only living being that is aware of death, man buries dead people and keeps a ritual of care with the body after the death. The intention of this research was to understand the meaning of the visits to the cemeteries, where their beloved ones are buried. Nine people were part of this research, eight women and one man. Individual semi directed interviews were used to gather the data, by using the standard of saturation to the closure of the sample and analysis of the qualitative subject. The results show that the visits awake many feelings, as the possibility of understand the care and the demonstration of affection by offering flowers and prayers in special or any other occasion. The present feeling of guilt when the visit cannot be made because of some obstacle, or even when the mourning one wants to but cannot, because of some emotional block, as to the denial of the death. The belief in the communication between the living and the dead worlds and in the cemetery as a local of extending life through the invocation of the memories and regards. Given the achieved analysis the importance of reflecting more is highlighted mainly in the Psychology area about the importance of the rituals.

**Key words:** death, ritual, cemetery

## INTRODUÇÃO

Sempre que se aborda o tema da morte, seja na morte de si mesmo ou na morte do outro, o simples pensar sobre essa possibilidade suscita, no ser humano, inquietações. Tais inquietações vêm produzindo modificações na forma de enfrentar a morte ao longo da história. A forma de enterrar os mortos vem sendo estudada por especialistas no assunto e há relatos de que entre 40 mil e 30 mil a.C. os mortos já eram enterrados. Os primeiros túmulos conhecidos foram construídos em 80 mil a.C. O verdadeiro motivo que levou o ser humano a enterrar seus mortos é desconhecido, mas duas razões são apresentadas, a higiênica e a religiosa. Mesmo que não se tenha certeza do motivo, o que se pode afirmar é que os cadáveres não eram abandonados e que o sepultamento fez com que o ser humano refletisse de forma mais intensa sobre a vida e a morte (Chiavenato,1998).

Inicialmente, os cemitérios eram localizados nas proximidades das igrejas, mas motivados pela higienização e salubridade advindas das grandes pestes e Segunda Guerra mundial, o que ocasionou um grande número de mortes, os corpos começaram a ser enterrados fora das cidades. Foi partindo desta mudança que a igreja demonstrou preocupação com o afastamento da proximidade da igreja para com a morte, incentivando que se levassem símbolos religiosos para dentro dos cemitérios como uma forma de assegurar a presença destas simbologias nos locais de sepultamento: cruz, velas, santos, anjos, etc. O romantismo corroborou para nutrir com a poesia e homenagens das mais variadas formas. Criaram-se verdadeiras obras de arte, com monumentos que viraram atração e deram origem às visitas ao cemitério, marcando o tempo e a história (Ariès,1990).

Segundo Ariès (1990), a partir do século XVIII, diante do estímulo à poesia, os mortos não teriam perdido a sensibilidade, pois enquanto dormem aguardam dos vivos as lágrimas; assim, o túmulo não estaria vazio. Desta forma, faz-se do túmulo um espaço de presença física e é neste lugar que os vivos deveriam vir para rezar, lembrar e chorar. A partir do século XIX, o cemitério passa a ser visto como um lugar de meditação e visita e é ali que as lembranças e evocação dos mortos são potencializadas. Além disso, é ao lado do túmulo que a dor é manifestada como uma necessidade de gritá-la.

Os primeiros cemitérios eram tidos como tradicionais e neles a valorização de monumentos e simbologia era característico. Além destes, outros cemitérios particulares foram sendo criados para dar conta da demanda. Segundo Ariès (1990), propriedades particulares começaram a ser usadas para enterrar seus familiares e surgiu a necessidade de

criar novos espaços, dando origem aos cemitérios particulares. Entre os séculos XIX e XX, estes cemitérios passam a ter uma nova configuração. Há uma recusa da arte e da simbologia, surgindo placas funerárias que identificam o morto, reforçando cada vez mais a aparência próxima a de um Parque ou Jardim.

Segundo Ariès (1990), este modelo é americano e neste tipo de cemitério há a intenção de se parecer com um parque, havendo a valorização do gramado e se fazendo menção de um cemitério apenas através das placas com os nomes e datas de nascimento e morte dos sepultados. O foco principal deixa de ser os túmulos e passa a ser a paisagem, pois “há uma intenção de transcender a individualidade da morte, através da paisagem e da homogeneidade das insígnias tumulares” (Neuhaus, 2012 p.29). Ariès (1990) complementa dizendo que este novo modelo de cemitério terá uma nova perspectiva além de enterrar os mortos: “Ensina que a morte não se reduz a destruição, mas que concorre para outro objetivo que é a reprodução: o ciclo da criação e da destruição é eterno” (Ariès, 1990, p. 579). Segundo dados da Acempro – Associação do cemitério dos protestantes, o primeiro Cemitério Jardim no Brasil foi inaugurado em 1965 como Cemitério da Paz em São Paulo.

O ritual de visitação ao cemitério pelas pessoas que perderam alguém próximo é tido como parte dos ritos fúnebres (Bayard,1996). Segundo o autor, através destes ritos procura-se cultivar os mortos, seja na data eleita (02 de novembro, dia dos finados) ou simplesmente visitando o cemitério após a morte em qualquer outra data desejada. De acordo com Kovács (2014), os rituais são extremamente importantes em qualquer fase da vida, mas fundamentais quando envolvem a morte, por auxiliar o enlutado a dar sentido a perda. Concordando, Niemeyer (2011) comenta em seu estudo que quando morre alguém próximo há uma busca significativa por um sentido pela perda e que o ritual pode ser um fator significativo a contribuir.

Tendo esse contexto em vista e a nova configuração cemiterial, surge a indagação frente a forma como as pessoas se relacionam com o espaço do cemitério contemporâneo. Assim, este estudo objetivou compreender o significado atribuído às visitas ao cemitério pelas pessoas que frequentam o mesmo. Um cemitério Parque foi usado como referência como campo empírico para o estudo, visto que culturalmente se tem desenvolvido este novo modelo.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo que, conforme Turato (2011), tem como principal característica a interpretação dos sentidos e a significação dos fenômenos. A pesquisa foi realizada com pessoas que tem algum familiar sepultado em um Cemitério Parque na Região Sul do Brasil e compreendeu o ano de 2015.

O estudo foi concluído com nove participantes, entre eles, oito do gênero feminino e um do gênero masculino. A idade variou entre 21 até 60 anos de idade. Duas participantes haviam perdido seus maridos, três haviam perdido o pai, um o filho, duas a mãe e uma a bisneta. Os participantes foram selecionados pela Instituição, usando dados registrados no banco de dados de seus clientes, sendo o familiar do primeiro sepultamento de cada mês do ano de 2014. Os candidatos eram convidados a participar do estudo após terem sido indicados pela administração. Este critério teve como objetivo a possibilidade de escuta ampliada, levando em conta o tempo da perda no período de um ano. O número dos participantes foi definido pelo critério de saturação. Nesta modalidade, o pesquisador pode fechar a coleta de dados no momento que as informações coletadas passam a apresentar um número de repetições em seu conteúdo (Turato, 2011).

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram entrevistas semidirigidas. As entrevistas contaram com um convite inicial às pessoas para falarem sobre sua perda, tendo como questões norteadoras os seguintes pontos: tempo da perda, grau de parentesco, da decisão pelo local do sepultamento, o motivo da visitação ao túmulo e os sentimentos que suscitavam as visitas. Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes com horários pré-agendados entre entrevistador e entrevistado e gravadas com o prévio consentimento do entrevistado. Anteriormente, foram esclarecidos dos objetivos do estudo e, após a concordância, assinado o Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Após, foram realizadas as entrevistas gravadas nas quais constava o consentimento verbal para realizar a gravação.

Para análise dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Sua análise foi qualitativa, através da Análise de Conteúdo, sugerida por Minayo (2010), por ser uma técnica usada para tratamento de dados de pesquisas qualitativas. Levou-se em consideração as fases de análise sugeridas por Turato (2011), destacando pontos relevantes, como as leituras flutuantes e a atenção para aquilo que não foi dito e dado a entender nas entrevistas.

No que se refere aos aspectos éticos, foi levada em conta a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, considerando os princípios da ética em pesquisa com seres humanos. As

atividades de campo somente tiveram início após aprovação pelo Comitê de Ética (aprovado sob Nº CAAE: 37530214.2.0000.5346). Com intuito de preservar a identidade de cada participante, as falas que seguem foram identificadas com letras E para entrevistado (a) e M ou F para masculino e feminino. Os números que seguem são de acordo com a entrevista realizada e a idade correspondente do entrevistado respectivamente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante da análise realizada, surgiram as três categorias abaixo: “Os sentimentos que suscitam”; “A Interação com os Mortos” e “Evocação de Memórias”, abordando os significados das visitas ao cemitério dentro daquilo que se propunha neste estudo.

### **Os Sentimentos que suscitam**

Esta categoria destacou-se por apresentar no discurso dos entrevistados o significado por eles atribuído das visitas ao cemitério após o sepultamento de alguém próximo. Dentre os participantes, alguns demonstraram o quanto as visitas eram gratificantes; já para outros, estas eram difíceis e evitadas. Poder retornar ao local onde o corpo ficou, onde houve a despedida, podem provocar nos visitantes, reações das mais diversas.

*A gente vai lá pra fazer uma visita, pra ver...levar umas flores, acariciar o lugarzinho que ela tá lá. Porque a gente atira e não ir não tem, chega já a minha filha que eu não posso ir, está lá no Mato Grosso enterrada, daí eu não posso ir lá, não posso ver então... (E4, M,60)*

Para E4, não ir ao cemitério tem um significado de abandonar aquele que morreu, demonstrando sentimento de culpa quando menciona uma filha enterrada em Mato Grosso que não pode visitar pela distância; demonstra sofrimento e parece querer compensar de alguma forma visitando o cemitério onde a bisneta está enterrada. Em alguns momentos, a entrevistada demonstra certa ansiedade acerca das perdas e em relação às visitas. Parece transitar entre o dever cumprido ao ir no cemitério e o dar-se conta de que as visitas são insuficientes para preencher a falta que a bisneta lhe causa. Em relação às perdas, assim como a filha, outros familiares são citados como enterrados em outros lugares que são de difícil acesso. Bayard (1996) comenta que o homem é o único animal que, ao tornar-se consciente da morte, pratica rituais, almejando provar sua crença no além, bem como acreditando que possa contribuir para a entrada em outra vida. Além disso, parece ter uma intenção de cuidado por



parte dos familiares, pois esta é uma forma de manifestação de afeto e carinho para aquele que morreu.

Os rituais podem, muitas vezes, auxiliar os vivos na busca de uma compreensão da perda. Neste sentido, levar flores, rezar e demais manifestações podem contribuir no processo do luto, possibilitando ao enlutado poder fazer algo de concreto e se desligar do objeto perdido de forma gradativa. Segundo Parkes (1998), uma das possibilidades de ajudar o enlutado a passar pelo processo de forma mais saudável consiste em reconhecer a importância do ritual do luto. No entanto, cada cultura e grupo tem suas formas de expressar a dor, de prestar suas homenagens ao morto, de sepultamento que irão influenciar na forma como cada um irá elaborar sua perda.

Walsh & McGoldrick (1998) destacam a importância para os profissionais que trabalham na área de valorizar e respeitar as características de cada grupo, seus costumes e rituais. Destacam, ainda, a importância da realização de rituais de morte e referem que muitas vezes a ausência destes pode dificultar a família no seu processo de elaboração do luto. Concordando, Reeves (2011) considera o ritual extremamente terapêutico e positivo para auxiliar as pessoas enlutadas a aceitar a realidade da perda.

*A gente vai porque a gente sabe que o corpo foi enterrado lá, a alma foi, o corpo está lá, mas a gente vai para prestar uma homenagem para a pessoa que está lá. (E7, M,)*

*Eu vou assim quando é finados, quando é dia dos pais, aniversário dele, assim...seguido assim, uma vez no mês mais ou menos assim eu vou (E8, M,31).*

É comum as visitas serem mais valorizadas em datas especiais, como aniversários, dia dos pais, das mães ou outros. Homenagear aquele que morreu poderia ser em qualquer lugar, mas o cemitério, onde o corpo ficou sepultado, tem outro sentido; já as datas trazem em si um significado para o enlutado. Segundo Nogueira (2012), as visitas ao cemitério em datas comemorativas têm o sentido de reconhecimento para com os mortos, além de ritualizar a memória dos mortos e o destino dos vivos. As visitas em datas especiais, como dia dos finados, aniversário, dia dos pais ou mães, são as preferidas dos familiares enlutados, mas é comum que familiares façam visitas mesmo sem uma data significativa

*Nas datas assim parece que eu tenho que ir, porque senão eu fico com a consciência, não é com a consciência pesada, mas assim, por que não ir né (E8, M,31).*

*...Quando eu me dou conta que às vezes faz tempo que eu não vou...daí parece as vezes mais assim que a gente tem que ir lá para mostrar que a gente se importa ainda!!!! Parece às vezes...não sei se isso é uma coisa de cultura ou se eu penso, se eu confundo.... (E2, M, 21)*

A pressão do grupo social de manter a visitação parece clara nesta fala, pois a entrevistada se sente pressionada, pelos costumes da família, em seguir fazendo o que todos vêm fazendo para não ser diferente dos demais. Ao mesmo tempo, parece claro que se sente culpada ao mencionar que sua consciência fica pesada quando não pode ir, mesmo não sentindo tanta necessidade de ir ao cemitério. As manifestações dos ritos podem ser diferentes em determinadas culturas, além de serem observadas particularidades pela idade, gênero e posição social do defunto (Bayard, 1996). Desta forma, é possível pensar, a partir da fala da entrevistada, que a pressão cultural impulsiona o enlutado a visitar o cemitério, fazendo com que, além de acionar memórias e recordações, possa também refletir sobre a morte.

*Eu primeiro tinha medo, Deus o livre, pensava em morte, eu ficava louca, agora não, agora eu entendi que.....que faz parte da vida. (E4, M,60)*

A experiência de perder alguém próximo, para E4, parece ter lhe proporcionado refletir sobre a morte como um todo. Segundo ela, no início não conseguia pensar na morte como uma possibilidade; já hoje, após a perda da bisneta e outras que teve, consegue encarar a mesma como algo que faz parte da vida. Quando se pensa em medo da morte, há que se considerar que existem muitos tipos de medos, como por exemplo o medo de morrer e o medo do próprio morto. Muitas vezes, o medo de morrer pode estar ligado ao medo de sofrer e suas fantasias do que da morte propriamente dita. Morin (1970) comenta, em relação ao temor sobre os mortos, que é como se os mortos pudessem sentir raiva dos vivos. Assim se faz necessário o cuidado com o corpo, com o túmulo, para que aquele que morreu sinta-se satisfeito onde estiver. Acredita-se que se é preciso manifestar carinho e cuidado com o local onde ficou sepultado e manter regularmente as visitas; caso contrário, o morto poderá sentir-se rejeitado. Há também uma necessidade interna de seguir mantendo o cuidado e manifestação de carinho e a única possibilidade que ainda se dá é através de visitas e oferta de flores.

*Eu me sinto melhor quando eu vou lá, que eu visito ela, eu me sinto bem melhor. (E4, M,60)*

O sentimento ao qual se refere a entrevistada pode ser entendido como o de preencher um vazio, como anteriormente falava, de matar a saudade. Para Soares (2002), as visitas

poderiam ter uma conotação de preencher algo, relacionado ao afeto que, segundo ele, será maior ou menor dependendo do vínculo mantido com aquele que morreu. Assim, a atenção será despendida para com aquilo que possa acionar memórias e lembranças, como lugares e objetos.

Outra questão relevante na fala da entrevistada é a valorização do ritual de visitação, pois esta, durante toda a entrevista, demarca a importância da visita e a frequência que faz. Como em outros momentos, o ritual faz parte da vida e também na morte pode ser observado através das visitas ao cemitério, como práticas de comunicação simbólica entre os vivos e os mortos.

No entanto, nem todos aqueles que visitam o cemitério demonstram tranquilidade. Há aqueles que manifestam dificuldade de ir ao cemitério, sem conseguir atribuir um significado verbal às visitas.

*Aí, foi muito ruim, mas eu, de certa forma, me senti aliviada, foi como se tivesse tirado um...um peso daqui de dentro sabe. (E6, M,45).*

O espaço do cemitério, como lugar de evocar memórias, acionar sentimentos, foi evitado por E6 após a perda dos pais. No entanto, a visitação ao cemitério foi o que lhe proporcionou a possibilidade de externalizar suas emoções, o que pôde ser percebido ao se referir: “me senti aliviada”. Em muitos momentos da entrevista, referia-se como sentir-se bloqueada e que, logo após a perda, procurou se ocupar com outras atividades para evitar o sofrimento. A hesitação de ir ao cemitério neste caso parece fazer parte de um processo de negação, muito comum para aqueles que passam pelo processo do luto. Segundo Kovács (2013), embora o ser humano saiba que a morte é inevitável, quando ela ocorre pode provocar reações inesperadas e ocultar sentimentos para não sofrer “pode ser uma forma de negar os sentimentos. Para a autora, a possibilidade de expressar sentimentos é muito importante no processo do luto, apesar de ser evitada por muitos.

*Há, eu é difícil assim...só quando deu uns problemas de pagamento, daí eu fui ali, mas assim eu não sei eu não gosto muito (E3, H,55).*

Ao ser indagado sobre a frequência das visitas ao cemitério, o entrevistado refere não gostar de realizar visitas. No entanto, é forçado a ir quando há alguma pendência financeira. Demonstra que não mantém nenhum ritual de visitação, tendo em vista que para ser considerado ritual se faz necessário haver uma repetição de episódios sequenciais (D’Orio, 2010). Rook (2007) comenta que uma das características dos rituais consiste em, justamente, através das lembranças de memórias, trazer à tona pensamentos e sentimentos específicos. No

caso de E3, evita fazer visitas por justamente saber que irá lembrar e pensar mais sobre a morte do filho, pois a dificuldade é grande em ter que se deparar com a falta.

*E eu assim bá e eu me obriguei na missa de sétimo, de um ano de falecimento deles, foi quando eu consegui ir no cemitério. Porque o meu apego era muito que eu não conseguia ir lá ainda sabe, e aí eu tinha aquele bloqueio (E6, M,45).*

A missa referida pela entrevistada faz parte de um ritual religioso católico que, muitas vezes, é realizada no sétimo dia de falecimento, um mês, um ano e dos demais sucessivamente. Dela participam a família e amigos mais próximos e sua função é ajudar o morto a entrar no outro mundo assim como confortar os familiares (Horochovski & Rasia, 2011). No caso da entrevistada, parece que o ritual das missas lhe favoreceu no sentido de forçar a fazer algo que não estava conseguindo fazer. Muitas vezes, não ir ao cemitério pode estar ligado ao fato de evitar ativar lembranças daquele que morreu.

Nogueira, (2012) comenta em seu estudo que espaços que proporcionem acionar memórias se fazem necessários em virtude da vida ser extremamente agitada e para que o morto não seja esquecido. Da mesma forma, Nora (1993) afirma que não há memória espontânea, que celebrar aniversários e manifestar elogios fúnebres não são naturais, pois é preciso criar e organizar estes eventos, justificando o não esquecimento. Concordando, Reesing (2012) afirma que a missa de sétimo dia, assim como outros eventos celebrativos, são considerados lugares de memória e contêm em si uma ação terapêutica, porque proporcionam alívio ao luto e o reforço em acreditar na salvação divina.

*Então dói..., mas é triste...eu fiquei apavorada, me deu vontade de me atirar junto, quando eles estavam levando ela para o enterro, Deus o livre, eu fiquei desesperada, parece que eu não podia deixar. (E4, M,60)*

O último momento, a despedida, é sentido com profunda dor. Fica a impressão que, se pudesse, escolheria ir junto com a bisneta, pois há algo no corpo que fala, que grita, que morre um pouco. Morin (1976), falando sobre a consciência da morte, mostra a concepção de que o homem tem consciência da morte, mas como possibilidade de sobrevivência nega-a. No entanto, “nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento” (Morin, 1976 p. 26). Para o autor, o funeral e a própria sepultura podem apresentar o significado de mudança de estado do morto, passando do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. A despedida, o funeral, pode, muitas vezes, acionar o terror da morte, estando atrelados ao horror da decomposição do cadáver, à perda da individualidade. Segundo Morin (1976), quanto maior a aproximação, mais íntimo da família, maior será o sofrimento; ao contrário, quando não há

vínculo próximo também a dor será atenuada. A forma de manifestar a dor poderá ser de várias formas, inclusive com a negação.

*no início eu pensava assim, parece que ele não morreu, parecia que tinha que tirar ele de lá; no início tinha muito isso sabe, que eu tinha que tirar ele dali, sonhava alguma coisa assim, que ele estava vivo, que não era verdade.....assim....(E8,M,31)*

Ao tentar falar em como se sentia com as visitas, E8 demonstra grande angústia, inclusive na entonação da fala, ao dizer que sentia desejo de tirar ele dali. É como se sentisse que o falecido estivesse aprisionado e alguém precisasse libertá-lo.

*É que eu fico muito nervosa quando venho de lá, eu...porque eu fico assim, ... penso assim, meu Deus, sempre parece assim que ele saiu e ele vem sabe... (E9, M,78).*

O terror da morte está, muitas vezes, no pensamento sobre a morte e não na morte em si. A aceitação da realidade requer um tempo, que será diferente para cada um. O “nunca mais”, como possibilidade, coloca o corpo como via de sofrimento intenso e sem nomeação aparente, pois existe o desejo talvez que este momento não acontecesse ou que se pudesse ir junto com a pessoa que se ama.

Ao falar como se sente ao visitar o cemitério, E9 demonstra como é difícil deparar-se com o real, pois prefere pensar que ele foi viajar e vai voltar. As visitas parecem ativar emoções que a entrevistada preferia não sentir. Pensar que a pessoa que morreu está viajando é comum em pessoas que perderam alguém próximo, é uma forma de negação do que aconteceu; torna-se mais suportável pensar em uma viagem a pensar na morte. K. Ross (1998) desenvolveu um estudo com pacientes gravemente enfermos, mas que pode ser estendido a quem passa por alguma perda significativa. Segundo ela, este processo compreende cinco fases. Na primeira, ocorre a negação como um mecanismo de defesa para suportar a perda. Outra fase é a da raiva pelo que aconteceu ou até mesmo contra si, culpando-se por não ter feito tudo o que podia. Na seguinte, o enlutado tentará barganhar com o Divino, para que, de alguma forma, se comprove que nada passa de um engano. A quarta fase é tida como o momento de profunda tristeza e a última a da aceitação. É importante ressaltar que as fases não possuem uma ordem entre si e que, ao se falar em aceitação, se quer dizer que a pessoa já consegue falar da perda sem sofrer tanto, mas segue manifestando sua dor.

*É muito triste porque você chega lá em cima e você só vê aquela pedra e não pode agarrar no peito (voz embargada), não pode falar com ela ( se emocionada). (E4, M,60)*

O choque de realidade ao se deparar com ausência da bisneta durante as visitas lhe causa imensa tristeza, demonstrando que a relação agora é com uma pedra fria e com esta não há o calor de uma relação humana. A impossibilidade de tocar, de ver, nada é substituído e a impotência frente a morte, talvez para a bisavó, seja o que ela mais sente durante as visitas ao cemitério. Ao mesmo tempo, demonstra a necessidade de ir e comprovar a perda. Segundo Rodrigues (2007), instintivamente ou pela sensibilidade, os animais conseguem, de alguma forma, pressentir a morte, mas não possuem a consciência da mesma, não sepultam seus mortos. Diferentemente acontece com o homem, pois este tem consciência de sua morte, sepulta seus mortos como forma de reconhecimento simbólico do corpo humano com algum valor. O fato de enterrá-lo não o exime de seguir se comunicando com aquele que morreu por novos meios. Neste sentido, é possível pensar que, para E4, a dor da falta é extremamente sentida, mas a busca simbólica nas visitas acaba sendo uma via de acesso a lhe preencher este vazio.

A impotência frente a morte faz com que o ser humano encontre formas de lidar com este mistério, mesmo que seja acreditando na comunicação entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos.

### **Interação com os mortos**

Nesta subcategoria, procura-se discutir o quanto os enlutados demonstram, nas visitas, uma relação com alguém que ainda sentem manter alguma forma de interação. Veem no cemitério a possibilidade de manter o mundo dos vivos ligado ao dos mortos de alguma forma, mesmo tendo a consciência de que ali estão somente os restos mortais.

*Uma ligação. Apesar que eu sei que ele não tá ali né, mais é, ...eu sei que os restos mortais dele tá ali né. (E1, M, 49).*

*Aí...de vez em quando eu vou assim...eu gosto, mas eu gosto de ir sozinha...não gosto de ir....não sei...porque eu gosto é de ficar falando sozinha....assim...daí as pessoas vão achar que ,...daí quando tem alguém junto eu não vou ficar falando em voz alta (risos), com meu pai ali....mas por isso eu prefiro ir sozinha assim... (E2, M, 21).*

Poder ir sozinha e falar em voz alta tendo a certeza que ninguém irá testemunhar o que ela fala lhe dá a certeza de estar com a sanidade mental preservada, assim como lhe garante se manter na ilusão. Dá-lhe a possibilidade de viver a ilusão de que seu pai não morreu, de que consegue se comunicar com ele.

*Daí de tanto às vezes escutar isso...parece que eu também penso, sabe...Nossa, mais que filha que eu sou que não leva nenhuma flor já faz um mês...dois...que eu não vou...mas às vezes um pouco eu acho que...é cultural isso....sabe...não é...aposto que ele não pensa isso se ele me escuta vai rir também de mim....(RISO)..não é isso. É a lembrança que eu tenho, eu acho, mas quando eu não vou dá essa falta...penso ai eu tenho que ir lá, tenho que levar uma flor... (E2, M, 21)*

Em toda sua fala, refere-se ao pai como alguém possível de escuta, fazendo um julgamento interno de seus deveres enquanto filha enlutada. Sente que é sua obrigação visitá-lo, como se ele ainda a pudesse cobrar, mas a cobrança é dela mesma e culpa-se quando não consegue. O ritual de cultuar os antepassados é antigo e tem origem no pensamento de que aquele que morreu pode, de alguma forma, seguir sua vida em outra dimensão, não somente seguir vivendo como sentindo sensações e sendo conhecedor de outro mundo com seus segredos e poderes. Origina-se, assim, o medo de que o morto possa ter o poder de castigar os vivos de alguma forma. E para impedir que este retornasse, há relatos de que se mutilavam os cadáveres, amarravam-se as pernas, cortavam-se os pés. (Bayard 1996)

*As visitas para mim são quase iguais porque eu sei que ela tá lá, eu vou lá pra levar flor, ver e matar a saudade, ...porque a gente não quer deixar ela sozinha.....ela está sozinha, mas a gente vai lá no cantinho dela faz uma visita como se ela tivesse conosco, porque ela nunca vai deixar nós, ela sempre vai estar por perto, porque a gente sempre tem ela na lembrança dos bons momentos, das horas difíceis... (E4, M,60)*

As visitas parecem ter um sentido de não querer a bisneta sozinha. Para E4, é como se ela ainda pudesse sentir a presença da família. Bayard (1996) refere que os ritos fúnebres têm sua eficácia no simbólico, pois as ações são sempre no sentido de “teatralizar a relação última com o defunto, de materná-lo, honrá-lo, em suma, fazer como se não houvesse morrido” (Bayard, 1996, p. 8). Se, por um lado, há o reconhecimento do ritual e a importância do mesmo, não há como negar um certo afastamento ou um silenciar pelo homem contemporâneo. Segundo Santana (2010), a dificuldade de expressar sentimentos na contemporaneidade estaria ligada a forma de “viver, que “exige e produz” reserva, na expressão de afetos fortes e espontâneos” (p. 37).

*E eu não vou...porque morreu, abandonar lá, deixar lá no cemitério. Não, eu enquanto eu puder dar o melhor assim, botar ele num cemitério booom, pagar que nem, que nem quando veio o valor, para a gente, não*

*é barato para comprar ali, para deixar ali, mas eu faço assim é a minha prioridade. Eu, com certeza, não me importo de pagar para ele estar ali né, então.....se eu não vou, parece que falta alguma coisa, mesma coisa que ele estar vivo e eu não dar um presente para ele né, porque sempre a gente era de dar um presente, uma coisa assim, então, eu tenho que ir, a sensação é de que eu tenho que ir (E8, M,31).*

Proporcionar o melhor ao pai depois de morto é acreditar que ele ainda pode sentir e saber o que a filha faz por ele; assim se poderia pensar em uma crença na comunicação entre eles. Para a família que perde alguém, a morte não é o aniquilamento, é necessário um tempo para que o morto morra de fato; após a morte, o defunto segue com poderes e direitos para com os vivos que irão seguir investindo de afeto e que irá se diferenciar de acordo com sua cultura. Já o fato de acreditar na comunicação com os mortos dá a possibilidade de pensar que os mortos também vivem em outro mundo. Os rituais para com os mortos condicionam a manutenção de manter os mortos vivos, pois na medida em que os ritos deixam de existir é que os mortos morrem (Rodrigues, 2007). Na contemporaneidade, também os valores para a beleza, o bom, o seguro, vem sendo reforçados não somente em vida, mas para depois da morte. Mais uma vez a relação em vida está se estendendo para depois da morte, assim como lidamos com a vida lidamos com a morte.

*Aqui só tá ela, a mãe e o pai estão em Horizontina, meu irmão também tá pra lá, a minha filha tá lá no Mato Grosso, então daí eu faço uma oração pra todos lá no cemitério, acendo umas velas, .....que a gente.....(suspira) ...a gente fica né....eu boto umas flores e eu assim boto na sepulturazinha dela e ofereço para todos eles. (E4, M,60)*

Ao visitar a neta, simbolicamente a entrevistada também visita os demais familiares enterrados em outros cemitérios, parecendo considerar o espaço do cemitério como um portal para o sagrado, através do qual pode comunicar-se com os mortos que se encontram em outros cemitérios. Pode-se inferir que a entrevistada acredita na existência de uma conexão entre os mortos quando diz que ao oferecer algo neste cemitério todos conseguem escutar suas preces e homenagens, independentemente de onde estejam enterrados.

*Quando a gente está com muita saudade, a gente vai lá, ...[...] leva uma flooer, conversa, eu converso...meu marido fica brabo, mas eu converso. (E4, M60)*



O sentimento de saudade citado pela entrevistada parece ser atenuado com as visitas. A possibilidade de ter um espaço, um lugar concreto, onde possa ir dizer algumas palavras, levar flores, parece lhe dar um sentido de que ainda pode fazer algo para quem tanto amava. Quando nos colocamos a conversar com alguém, acreditamos que o outro pode nos escutar e, em contrapartida, dialogar juntamente, diferente de falar somente, dando a entender, assim, que a bisneta, neste caso, a escuta e fala com ela. Ariès (1990) comenta que as visitas ao cemitério foram intensificadas e culturalmente influenciadas pelo romantismo, tendo entrada na literatura como lugar de serenidade e apaziguamento. A poesia da época é desenvolvida principalmente sob quatro temas: o primeiro é a natureza, valorizando a localização do mesmo, como gramado e orvalho; o segundo tema é o das saudades da vida, quando os mortos não mais usufruirão das coisas da vida, como o trabalho, família e natureza; o terceiro tema é o do reconhecimento pela poesia de que os caminhos da glória só levam ao túmulo. “O último tema é o do túmulo, de sua poesia, da comunicação entre vivos e mortos” (Ariès, 1990, p. 571). Neste, é destacado o cemitério como a terra dos antepassados. E nas memórias e epitáfios, há valorização nos textos no sentido de fazer pensar na morte e um pedido para que se rezasse e chorasse por aqueles que morreram, estimulando, assim, a visita ao cemitério (Ariès, 1990 p. 572)

*Eu digo: a minha neguinha, tua Bisa tá com saudade de você, minha neguinha, a vó Bisa te ama muito (se emociona) muito, muito, muito.....e nunca vou deixar de amar ela .....porque sempre quando eu tenho saudade que eu não posso ir lá, eu pego as fotos dela.....no meu peito e beijo, beijo e abraço... (E4, M,60)*

A fantasia de quem fica parece que é de que aquele que morreu poderá achar que foi esquecido. Assim, é preciso receber visitas e homenagens constantemente, reforçando esse amor. Para que se acredite nisto, é preciso pensar que quem está morto também pode continuar a sentir e escutar o mundo dos vivos.

*Às veis ela fala, ela diz, eu to indo lá no pai. (E1, M, 49)*

Parece que sua filha mantém uma relação com este pai como se ele ainda estivesse vivo se a pudesse escutar e participar de sua vida. O cemitério fica sendo a casa do pai, como uma possibilidade de conexão a qualquer momento. Para Rodrigues (2007), os ritos fúnebres são a via que possibilita aos que sobreviveram auxiliar os mortos a ingressar no mundo dos mortos; assim, a morte não se torna o aniquilamento e sim uma via, um caminho de um mundo a outro, o dos vivos e mortos.

*Dá essa impressão, que ele sabe também que eu to indo lá sabe, não que eu quero provar pra ele, eu não preciso disso, mais pra ele se sentir, que eu penso que ele tá se sentindo assim confortável....(silêncio).. (E1, M, 49)*

As visitas funcionam como uma prova de amor e acredita-se em um reconhecimento desse investimento mesmo após a morte. E1 acredita que o ritual que mantém não é para si, mas sim para o marido que morreu, como uma prova de seu amor e tendo a certeza de que, onde quer que ele esteja, receberá suas homenagens. Parece embaraçoso para a entrevistada aceitar que as visitas ao cemitério lhe sejam benéficas, pois prefere atribuir ao marido que morreu o benefício.

Socialmente, tem se tornado cada vez mais difícil aceitar o sofrimento pela perda de alguém, que dirá admitir perante a sociedade o desejo de cultuar os mortos, visitando o cemitério. Nestas visitas, emoções poderão ser despertadas através das lembranças que vem à tona, como pode ser visto a seguir.

### **Evocação de memórias**

Nesta terceira categoria, procura-se abordar o quanto as visitas ao cemitério podem ser um espaço possível de evocar lembranças e memórias.

*Daí...eu gosto de ir lá para lembrar do tempo que a gente saía e tudo né.... e dá...dá muita saudade....(silêncio). (E1, M, 49)*

Para a entrevistada, as visitas ao cemitério permitem relembrar e reviver o passado, pois é lá que ameniza a saudade com as visitas e as recordações que lhe evocam as mesmas. Para Bastianello (2010), o cemitério não deixa de ser um lugar de memórias que possibilita evocar significados e ressignificações. Nos casos onde é realizada a cremação dos corpos, esta possibilidade fica anulada, pois neste caso, mesmo referindo que seu desejo seria o de cremação, parece se beneficiar das visitas.

*De nunca esquecer dele, tem mais coisa, mas o principal é de nunca esquecer dele. (E1, M, 49)*

O significado que a entrevistada atribui às visitas é de nunca esquecer do marido, reforçando a ideia de que ir ao cemitério possa ser uma forma de estar mais próximo dele. As visitas parecem ter uma conotação de manter viva a pessoa que morreu. O fato de lembrar e ativar lembranças daquele que morreu é uma forma de mantê-lo vivo, pois assim o morto ainda vive, pois para ele os rituais procuram “dar vida aos mortos” (Rodrigues, 2007, p.132).

Concordando, Araújo (2009) aponta que as visitas ao cemitério são como uma visita familiar e com elas as recordações estão presentes, e neste ritual há a possibilidade de manter sua presença, “mantendo perto mesmo estando longe” (Araújo, 2009, p.102)

*O dia que eu fui...para mim foi como se eu tivesse indo mesmo no dia que eu enterrei sabe...porque daí eu botei para fora sabe...(silêncio). (E6, M,45)*

Ir ao cemitério um ano depois do sepultamento, para a entrevistada, consistiu em reviver o enterro dos pais, comprovar a morte, dar-se conta do real. Foi um momento que lhe proporcionou poder externalizar sua dor. Durante a entrevista, disse que, logo após a morte dos pais, sentia-se anestesiada. Foi o espaço do cemitério que parece ter acionado sentimentos e emoções até então negados e recalcados.

*aaa.....me vem na cabeça que eu não vou conseguir sabe...que eu choro muito sabe, que eu fico muito nervosa, aí eu...para não passar por aquilo ali eu não vou sabe. (E6, M,45)*

Como evitação da dor, a entrevistada evita ir ao cemitério, pois tem certeza de que indo ao espaço evocará memórias e sentimentos que lhe provocarão sensações das quais ainda não consegue suportar. Assim, confirma a ideia de que o espaço contribui para a evocação de memórias e novamente a conexão com a falta real parece ser evitada.

*E daí para mim quando eu fui no cemitério, era como se tivesse tudo vindo à tona. (E6, M,45)*

Ir ao cemitério parece ter diferentes conotações: manter o contato com o falecido, poder se comunicar com ele, reviver lembranças; mas por outro lado, também tem o significado de ter que se dar conta da perda, de “deixai a ficha cair” (E6, M,45). Se o cemitério é tido como um local de ativar memórias, para a entrevistada parece vir na contramão do que lhe é possível, pois evita lembrar, procura esquecer. “Lugares de memória como os cemitérios configuram-se essencialmente ao serem espaços onde a ritualização de uma memória-histórica pode ressuscitar lembranças, sendo um tradicional meio de acesso a elas”. (Nogueira, 2012p.83). Neste sentido, a hesitação de lembranças parece uma constante na entrevistada, demonstrando a dificuldade de lidar não somente com as elas mas também com a morte. Por mais que o ser humano tenha consciência da morte, ela é temida, o que, segundo Kovács (2013) atinge todos os seres humanos. Para Kastenbaum (1983), quando se pensa na morte, a tendência é acreditar que ela acontecerá com alguma pessoa distante e não com alguém próximo ou consigo próprio. Daí a importância de criar espaços de reflexão sobre

a morte, seja na escola, no trabalho, na família, como sugere Kovács (2005). Para a autora, refletir sobre a morte pode possibilitar dar outro significado a vida.

*Aai...senti saudades, falta deles.....(silêncio). (E6, M,45)*

O sentimento nomeado pela entrevistada ao visitar o cemitério foi saudades e falta, novamente sendo despertado ao visitar o cemitério. Neste sentido, parece que este espaço ocupa o lugar de acionar no sujeito, através da evocação de memórias, a falta do real. A saudade vem a ser um conjunto de sentimentos que envolvem perda, amor e dor, mas também prazer, soma-se o fato de que se trata de tempo, composto por afetividade e memória. (Reesink 2012, p. 376).

*Quando nós namorava, eu era solteira, eu morava bem pertinho do Jardim da Memória; só que naquela época não tinha o Jardim da Memória né, mas daí parece que eu vou lá e me lembro dos namoros nosso ali perto sabe, bem, bem ali mesmo sabe (sorri), eu venho de lá, te falo a verdade, venho tão bem...faceira...eu tenho até que rir assim das coisas que a gente aprontou naquela época. (E1, M, 49).*

Mais uma vez reforça-se a ideia de uma conexão e do espaço do cemitério como possibilidade de resgate da própria história vivida, acionando lembranças que aparentemente parecem auxiliar no processo do luto. Segundo Bastianello (2010), não somente o cemitério, mas também os monumentos tumulares que ali se encontram estão a serviço de perpetuar a memória. Monumentos podem ser compreendidos como objetos produzidos por uma determinada cultura a fim de preservar a memória de um indivíduo, grupo, sociedade ou de uma cultura. Um exemplo de monumento pode ser uma sepultura, pois contém em si a intenção de perpetuar a memória do falecido ao elucidar sua identidade, com datas de nascimento e morte.

*Eu pensava em ir, mas não conseguia, eu acho que ainda hoje assim, eu penso em ir... que nem esse mês já vai ser o aniversário dela, ela faz aniversário dia 26 de setembro e nem está me passando pela cabeça ir, porque eu ainda estou com aquele bloqueio né. (E6, M,45)*

Catroga (2002) faz uma reflexão sobre o cemitério como um local de guardar memórias e também de acionar lembranças. Neste sentido, parece que a entrevistada procura evitar tanto as lembranças quanto qualquer tipo de reflexão que possa surgir com a visita ao espaço. Desta forma, pode se pensar que o espaço do cemitério para a entrevistada a faz pensar sobre a morte, provocando angústia da falta. Se a morte faz pensar na vida, o bloqueio da qual E6 se refere, a angústia, não estaria presente, porque no sentido da morte do outro

fazer pensar na sua própria morte? Como forma de evitar essa angústia, não vai ao cemitério....

*Olho pro cemitério e me alembro (E3, H,55)*

*Às vezes eu prefiro me esquecer..... (E3, H,55)*

Sua fala fica repetidas vezes reforçando que prefere não ir ao cemitério, nem passar perto, pois isto lhe causa sofrimento e ativa lembranças. A história de vida do filho, as lembranças que têm são de sofrimento, pelo envolvimento com as drogas e o tráfico; desta forma, parece preferir não se lembrar do filho. Segundo Bastianello (2010), o cemitério vem a ser o lugar de relembrar, a fim de justamente dar lugar ao não esquecimento através da evocação das memórias. Toda vez que o enlutado vai ao cemitério e ativa as lembranças daquele que perdeu, é mantida viva a relação estabelecida com o morto, seja ela boa ou difícil. O entrevistado demonstra evitação de relembrar. Se, para alguns enlutados, as lembranças são forma de manter a pessoa que morreu viva, fiquei pensando que para este pai talvez o filho já estivesse morto antes mesmo de enterrar. Ainda, as lembranças acionam a dor, a dor de lembrar um tempo que talvez seja melhor esquecer ou negar que ela tenha acontecido. A forma como o filho morreu, no caso assassinado, pode também fazer com que o pai tente se afastar das memórias que o fazem lembrar-se dos motivos que o levaram para isto. O pai precisou admitir, perante a sociedade, que seu filho era usuário de substâncias psicoativas, não pôde mais esconder. Agora, prefere não lembrar, pois lembrar é sofrer novamente.

*Agora eu sei que ele tá lá né... lá no cemitério né (E3, H,55)*

Quando o filho era vivo, nunca sabia onde estava e com quem estava. Agora sabe onde está. A angústia de não saber onde estava era grande. No entanto, vive agora a angústia da ausência e das lembranças. Muitas vezes, é desejável lembrar somente aquilo que faz bem e evitar, de certa forma, tudo aquilo que faz sofrer, mesmo que seja através das lembranças.

## CONCLUSÃO

Diante do escopo deste estudo, foi possível destacar, através das análises realizadas, algumas questões relevantes. O sentimento de culpa dos entrevistados quando não conseguiam visitar o cemitério ou pelo fato de não se sentirem à vontade para irem foram manifestadas. Neste sentido, é importante mencionar o quanto vem se fazendo necessário socialmente que o ser humano se ajuste ao modelo de comportamento social desejado. A espontaneidade nas expressões dos sentimentos vem se perdendo, dando lugar ao engessamento e ao embotamento, motivo, muitas vezes, de adoecimento. O enlutado não sabe

mais como se comportar, pois além de dar conta de sua dor, precisa corresponder ao que familiares e amigos esperam.

Considerar a possibilidade de conexão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos pelos entrevistados torna o cemitério um lugar sagrado. Parece dar a eles a possibilidade de estender a relação com seu ente querido, seja na demonstração de afeto ou ainda em se desligar de forma gradativa daquele que morreu. Para alguns, pode ser a negação da perda, mas também é importante ponderar que pode ser, em alguns casos, a forma como cada um na sua individualidade vai dando voz a seus sentimentos. O espaço do cemitério como dispositivo para acionar lembranças e memórias nem sempre é trazido como positivo. No entanto, um ritual assim pode contribuir para elaborar o luto, desde que faça sentido para aquele que o pratica.

Das análises realizadas, pôde-se concluir que, para uma grande parte dos entrevistados, há a necessidade de comprovar a ausência daquele que partiram através das visitas ao cemitério. Neste sentido, é possível pensar que o espaço do cemitério age como facilitador no processo do luto, facilitando ao enlutado para a compreensão da perda. Os entrevistados manifestaram ambivalência em suas falas, sugerindo a dificuldade de se colocar quanto ao que realmente significavam as visitas.

Questionamentos surgiram durante o estudo em relação à obrigatoriedade de os familiares comparecerem ao cemitério, estando atreladas a uma questão financeira. Se fica alguma pendência no pagamento, o familiar é obrigado a ir até o cemitério para regularizar a situação; caso contrário, os restos mortais serão removidos para um depósito comum. Se, por um lado, não se cultuam mais tanto os mortos e as visitas ao cemitério já são menos frequentes, a obrigação em ir para realizar o pagamento talvez seja uma forma de ainda manter o vínculo

O medo da morte acionado pela experiência de participar de um funeral, de visitar um cemitério, remete a relacionar o quanto ainda se faz necessário espaços para se falar da morte. Apesar de observar que o tema da morte vem sendo cada vez mais tema de estudos e pesquisas, é possível concluir que socialmente se fala muito pouco e pensa-se raramente na morte. Diante desta realidade, se faz necessário ampliar as discussões acerca do tema nos mais variados espaços, como: escola, trabalho, família, amigos, etc., para que a morte seja cada vez mais incluída na vida.

Foi possível perceber o quanto o ritual pode ser importante para o enlutado, podendo auxiliar em sua organização, como Horochoki (2011) comenta, não somente um ritual de morte, mas acaba sendo também um ritual de vida. No entanto, pôde ser percebido que este

ato é pouco valorizado psicologicamente pela carência de publicações na área. Neste sentido, talvez seja pertinente que os profissionais que trabalhem com enlutados possam valorizar o ritual terapêuticamente, bem como desenvolvendo novos estudos na área.

Como limitações do estudo, considera-se escasso número de publicações da área da Psicologia na temática do Ritual do Luto, sugerindo, assim, uma lacuna a ser explorada. Através do estudo e das reflexões realizadas, foi possível perceber o quanto socialmente o ser humano é afetado pelas relações, demonstrando, nas falas trazidas, que o próprio desejo entra em conflito com o desejo do outro, do social e da cultura. A pesquisa permitiu refletir sobre a relação do mundo dos vivos com o mundo dos mortos, abrindo lacunas possíveis a novas reflexões a este tema tão instigante que é a morte.

## REFERÊNCIAS

Acempro-Associação Cemitério dos Protestantes (2015). Cemitério da Paz 50 anos. Recuperado de: <http://www.acempro.com.br/content/cemiterio-da-paz-50-anos>.

Ariès, P. (1990). *O Homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Araújo, M.G.F. (2009). *Pequenas Romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico para o dia dos finados*. (Dissertação de Mestrado) “Recuperado de” (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, [http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20100503191007.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20100503191007.pdf)).

Bayard, J.P. (1996). *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* São Paulo: Paulus.

Bastianello, E.M.T. (2010). *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública étnica e artefactual (1858-1950)*. (Dissertação de Mestrado), “Recuperado de” (Universidade federal de Pelotas-UFPEL, [http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO.\\_Elaine\\_Maria.\\_dissertacao\\_2010.pdf](http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO._Elaine_Maria._dissertacao_2010.pdf)).

Catoga, F. (2002). Recordar e Comemorar: A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. *Mimezis*, 23, (2), p.13-47.

Chiavenato, J. J. (1998). *A morte uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna.

D’Orio, R. T. (2010) *Histórias de fins, histórias sem fins: Um estudo sobre rituais no processo do luto*. (Tese de Doutorado), “Recuperado de” (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp145743.pdf> ).

Horochovski M.T.H., Rasia J.M. (2011). Rituais fúnebres em memórias de velhos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1113-1130, ISSN: 2175-5841.

Kastenbaum, R.e Aisenber, R. (1983). *Psicologia da Morte*. São Paulo: Pioneira.

Kovács. M.J. (2005). Educação para a Morte. *Psicologia, Ciência e Profissão*, - 25 (3)484-497.

Kovács, M. J. (2013). *Morte e Desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M.J., & Vaiciunas, N.,& Alves, E.G.R.(2014). Profissionais do serviço funerário e a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 940-954.

Maquêa, V. (2007). Sobre Das “Unheimliche”, de S. Freud. *Revista Ecos*, Ed. Nº 5. “Recuperado de”: [http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v\\_05/61\\_Pag\\_Revista\\_Ecos\\_V-05\\_N-02\\_A-2007.pdf](http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_05/61_Pag_Revista_Ecos_V-05_N-02_A-2007.pdf).

Minayo, M.C.de S. (2010). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Morin E. (1970). *O Homem e a Morte*. Lisboa: Publicações Europa América.

Neuhaus, P. G. (2012). *A Experiência do espaço na visita ao Cemitério Contemporâneo*. (Dissertação de Mestrado), “Recuperado de” (Universidade Federal do RS-UFRGS, <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/65613/000869835.pdf;sequence=1>).

Niemeyer, R.A. (2011). Reconstructing meaning in bereavement: summary of a research program. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 28(4),421-426, out/dez.

Nogueira, R. de S. (2012). Elos de memória: passado e presente, cemitério e sociedade. *Vivência: Revista de Antropologia*. (39), 81-89.

Nora, P. (1993). Entre memória e Histórias, a problemática dos lugares. *Revista Puc*. Recuperado de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>.



Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.

Reeves, N.C. (2011). Death Acceptance Through Ritual. *Revista Death Studies*, (35), 408-419. Recuperado de: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07481187.2011.552056>.  
Doi: 10.1080/07481187.2011.552056.

Reesink, M. L. (2012). Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. *Revista Etnográfica, Universidade Federal de Pernambuco-UFPE*, 16(2): 365-386. Recuperado de: <http://etnografica.revues.org/1535#text>.

Ross, E. K. (1998). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes.

Rodrigues, J.C. (ed.lit.); Santos F.S. (org.) (2007). *A Morte numa Perspectiva Antropológica. Em Encontro D. A Arte de Morrer: Visões Plurais*. São Paulo: Comenius.

Rook. D. W. (2007). Dimensão do Ritual do Comportamento de consumo. *Revista Marshall School of Business – University of Southern California, RAE Clássicos*, (47) - Jan/Mar.

Santana, R.O. (2010). *Depois da Perda: desafios e possibilidades da vivência do luto na hipomodernidade*. (Dissertação Mestrado) “Recuperado de” (Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp139602.pdf>).

Soares, M.A.P. (2002). As Representações da Morte: imagens, memória e afeto. *Revista Conversas Interdisciplinares*, Universidade Luterana do Brasil-Ulbra, Ano I, (1). Recuperado de: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12514851/ler-revista-conversas-interdisciplinares-ulbra-torres>.

Turato, E. (2011). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Walsh, F., McGoldrick. M. (1998). *Morte na Família: Sobrevivendo às Perdas*. Artmed, Porto Alegre.

## ARTIGO 02

### **“A morte escrachada versus a morte escondida, entre o pesado e o bonito”: atribuições nas visitas ao cemitério por enlutados.**

#### **Resumo**

A forma como o homem vem se relacionando com a morte, ao longo dos anos, tem repercutido no cuidado de seus mortos assim como em relação ao significado deste cuidado para os vivos. Considerado o único ser a ter consciência da morte, o homem preocupa-se em enterrar seus mortos e manter o culto a seus antepassados. As formas de enterramento foram se modificando e ganhando novas configurações, principalmente a partir do século XVIII, quando havia a valorização da arte e simbologias para a contemporaneidade com os Cemitérios Parques. Este estudo objetivou compreender o significado das visitas ao cemitério pelas pessoas onde seus entes queridos estão enterrados. Fizeram parte deste estudo 09 participantes, oito do gênero feminino e um do gênero masculino. Entrevistas individuais semidirigidas foram utilizadas para a coleta de dados, utilizando-se do critério de saturação para o fechamento da amostra e análise de conteúdo. Como resultados, foi possível perceber o espaço do Cemitério Parque como um local no qual não se percebe a morte, refletindo a beleza e a vida. Em contrapartida, nos relatos, houve a comparação com o cemitério tradicional como um lugar pesado que remete a morte. Ficou evidente, através deste estudo, o quanto, na contemporaneidade, prima-se pela praticidade, segurança e beleza e, com isto, destaca-se a crescente terceirização do cuidado pelo mercado funerário. Parece evidente o quanto socialmente se procura banir a morte e o quanto novos espaços e serviços vão ao encontro de corresponder a esta demanda social.

**Palavras chave:** morte, cemitério, ritual, atitude frente a morte.

**Abstract**

The way men have been relating with death over the years has rebounded on the care of their dead people, as to about the meaning of care to the living. Considered the only living being that is aware of death, man worries about burying dead people and keeping worship to his ancestors. The burying ways had been modified and gained new forms, mainly after the 18<sup>th</sup> century, when there was the appreciation of art and symbologies to the contemporaneity with the Park Cemeteries. The intention of this research was to understand the meaning of the visits to the cemeteries, where their beloved ones are buried. Nine people were part of this research, eight women and one man. Individual semi directed interviews were used to gather the data, by using the standard of saturation to the closure of the sample, and analysis of the subject. As a result, it was possible to observe the Park Cemetery space as a local where one does not realize death, by thinking about the beauty and life. However, in the reports, the comparison with a traditional cemetery: a heavy place that refers to death. It becomes visible through this research how much convenience, safety and beauty are prioritized in contemporaneity. Therefore, the increasing outsourcing of the care about the mortuary business is highlighted. It seems outstanding how society banes death and how new spaces and services correspond to this social request.

**Key words:** death, cemetery, ritual, attitude towards death

## INTRODUÇÃO

Por mais antigas que possam ser, as visitas ao cemitério mostram em si a transformação cultural ao longo dos últimos séculos. Elas carregam consigo significados tanto no que se refere aos tipos de cemitérios quanto a forma de se relacionar com eles. Segundo Chiavenato (1998), o processo de enterrar os mortos passou por algumas transformações. Nos primórdios, os cadáveres eram simplesmente abandonados, passando depois, há aproximadamente 35 mil anos a. C., a serem enterrados sentados, com os braços envolvendo os tornozelos. Entre os processos funerários diferenciados, ficam destacados: “o da pedra tumular, o do enterro, o do dessecamento, e o da cremação” (Chiavenato, 1998, p. 12). Junto com as diferentes formas de enterrar, havia o medo de que o morto pudesse retornar. Assim, para garantir que este não retornasse, reforçavam-se os túmulos fazendo covas profundas e cobrindo com pedras e, mais adiante, separavam o corpo do crânio. Encontraram-se esqueletos com mãos e pernas amarradas ou maxilares e crânios esmagados. Além disso, a origem dos sete palmos abaixo da terra no sepultamento surgiu para garantir a segurança dos vivos de que o morto não retornaria após o sepultamento (Chiavenato, 1998).

Já os cemitérios na idade Média ocupavam as proximidades das igrejas e até mesmo as próprias igrejas. De acordo com Ariès (1990), os religiosos e donos de posses eram sepultados dentro das igrejas; já os demais do lado de fora. Tendo em vista a preocupação com a manutenção de igrejas limpas e salubres, bem como com o grande número de mortes da época pelas pestes e guerra, os cemitérios passaram a ser construídos fora das cidades. Ocorreu, desta forma, uma separação do mundo dos vivos do mundo dos mortos, mas ficou recomendado que os vivos visitassem os mortos por acreditarem que estes pudessem ainda passar lições e os túmulos tornaram-se “escolas de sabedoria” (Ariès, 1990, p. 522).

Em função desta mudança, a igreja procurou levar para dentro do cemitério simbologias que lembrassem as crenças religiosas, como pequenas capelas, santos e outros elementos. No entanto, com o grande número de sepultamentos, os cemitérios foram se tornando escassos e a necessidade forçou o surgimento de novos espaços. A partir do século XVIII, assim como os franceses, americanos da Nova Inglaterra reuniram-se com objetivo de criar cemitérios particulares, pois não desejavam mais enterrar seus mortos em suas propriedades nem em cemitérios públicos. O principal motivo era o de garantir que os túmulos não estivessem expostos a violações. Destaca-se, na época, a criação de cemitérios particulares rurais nos quais as famílias poderiam adquirir um terreno e ali sepultar seu ente querido, usufruindo da arte e da natureza. Já no início do século, XX os cemitérios rurais

ganharam uma nova arquitetura. A arte é totalmente retirada e os cemitérios se parecem cada vez mais como jardins e menos como cemitérios, tendo somente pequenas placas de identificação daquele que morreu. Este novo modelo de cemitério começa a ser copiado na América e Inglaterra, estendendo-se continuamente ao longo do tempo para outras regiões geográficas (Ariès, 1990).

Neste contexto, o cemitério acabou se tornando um local de encontro, em que muitas visitas eram para apreciar as obras de arte supervalorizadas na época do romantismo. Para Ariès (1990), a partir do século XIX, o cemitério passou a ser local de visitação, inspirado pelos monumentos que retratavam não somente a morte, mas o pedido aos que ali passavam para que se chorasse pelos mortos. Cabe ressaltar que, como na época poucos eram alfabetizados, os símbolos artísticos predominavam em detrimento da linguagem escrita para que homens simples pudessem compreendê-los. Desta forma, as pessoas seriam atraídas para o cemitério como sendo o local ideal para lembrar, chorar e rezar seus mortos. O cemitério passou a ser o local preferido para manifestar a dor, a saudade, mesmo sabendo que as lembranças poderiam ser sentidas em outros locais. As visitas ao cemitério eram pensadas como possibilidade de comunicação com os mortos, assim como um consolo (Ariès, 1990).

É possível perceber uma diferença significativa na configuração dos cemitérios destacando duas modalidades que persistem até os dias de hoje: os Tradicionais e os Parques. Nos Tradicionais, se percebe a morte escrachada, presente em suas simbologias, monumentos, como um convite aos visitantes para pensar na finitude. Já o modelo Parque diferencia-se pela característica paisagística e meditativa, no qual não é a morte e sim a vida que é ressaltada. Segundo Catroga (2002), manter visitas ao cemitério pode ser uma forma de manter viva, na memória dos que ficaram, a pessoa que morreu e, ao mesmo tempo, ativar lembranças nas quais o ser humano dialoga consigo mesmo, pois pensando na morte do outro também pensa em sua própria morte e no desejo de manter viva as lembranças daqueles que morreram, projetando-se também o desejo de não ser esquecido em sua morte.

As visitas ao cemitério fazem parte dos “Ritos de Passagem”, cerimônias ritualizadas que são feitas na transição de uma situação a outra. Por considerar importante este Rito, Gennep (1978) dividiu-o em três categorias: a primeira a qual se refere são os Ritos de separação, usados na maioria das vezes em funerais, por se referir à separação de indivíduos; a segunda, denominada de margem, é a da transição entre o passado e o futuro e tem a ver com momentos como a gravidez ou noivado. A terceira categoria é a de agregação, quando é

consumada a passagem e o sujeito adequa-se aos padrões sociais como, por exemplo, os funerais, por ritualizarem a passagem dos vivos para o mundo dos mortos. Cabe mencionar que a forma de manifestar e ritualizar irá depender de cada cultura e meio social em que se vive.

Vive-se atualmente a terceirização dos funerais, pois empresas assumiram o cuidado com o corpo após a morte, desde a higienização até o sepultamento. O ritual fúnebre virou um negócio e as famílias mais abastadas pagam a garantia para que este ritual tenha todas as pompas. Concomitantemente, familiares enlutados enquadram-se em um modelo de comportamento desejado não somente durante o funeral, mas após. As expressões de sentimentos e homenagens harmonizam-se dentro do modelo adquirido (Araújo,2012).

Assim como as visitas, as homenagens dos vivos para com os mortos sempre estiveram presentes no cemitério, passando por algumas modificações ao longo do tempo. Todas estas mudanças provocam reações e formas distintas de se relacionar com a morte e com os rituais pós-morte para aqueles que perderam alguém próximo. Tendo em vista o percurso histórico da mudança dos cemitérios, este estudo tem o propósito de compreender o significado atribuído pelas pessoas que fazem a visitação ao cemitério após a perda de um ente querido atualmente. O estudo foi realizado tendo como campo de pesquisa um Cemitério Parque na região Sul do Brasil, utilizando as reflexões, estudos das áreas da Psicologia e Antropologia.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo qualitativo, entendendo que uma das principais características consiste na interpretação dos sentidos e a significação dos fenômenos (Turato,2011). A pesquisa foi realizada com pessoas que tem algum familiar sepultado em um Cemitério Parque na Região Sul do Brasil e compreendeu o ano de 2015.

O estudo foi concluído com nove participantes, entre eles oito do gênero feminino e uma do gênero masculino. A idade variou entre 21 anos até 60 anos de idade e os casos se caracterizam como duas mulheres que haviam perdido seus maridos, três pessoas que haviam perdido o pai, um o seu filho, duas a mãe e uma sua bisneta. Os participantes foram selecionados pela Instituição, usando dados registrados no banco de dados de seus clientes, sendo o familiar do primeiro sepultamento de cada mês do ano de 2014 a contar do mês de

janeiro. Os candidatos eram convidados a participar do estudo após terem sido indicados pelo administrador como sujeitos dispostos a contribuir. Este critério teve como objetivo a possibilidade de escuta ampliada, levando em conta o tempo da perda no período de um ano. A construção da amostra utilizou o critério de saturação. De acordo com Turato (2011), nesta modalidade, o pesquisador pode fechar a coleta de dados no momento que as informações adquiridas passam a apresentar um número de repetições em seu conteúdo.

Os dados foram coletados através de entrevistas semidirigidas e observação de campo. As entrevistas contaram com um convite inicial às pessoas para falarem sobre sua perda, tendo como questões norteadoras os seguintes pontos: tempo da perda, grau de parentesco, da decisão pelo local do sepultamento, o motivo da visitação ao túmulo e os sentimentos que suscitavam as visitas. Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes com horários pré-agendados entre entrevistador e entrevistado e gravadas com o prévio consentimento do entrevistado. Anteriormente, foram esclarecidos dos objetivos do estudo e, após a concordância, foi assinado o Termo de consentimento Livre e Esclarecido e realizadas as entrevistas gravadas nas quais constava o consentimento verbal para realizar a gravação.

A observação de campo foi realizada em um Cemitério Parque, no dia em que se comemora o dia dos Finados (02 de novembro), contemplando 9 horas de observação. Nas observações, foram levados em conta a forma como as pessoas se colocavam fisicamente no cemitério, suas atitudes, relações com os demais visitantes e manifestações de sofrimento.

Para análise dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Sua análise foi qualitativa, através da Análise de Conteúdo, sugerida por Minayo (2010), por ser uma técnica usada para tratamento de dados de pesquisas qualitativas. Levou-se em consideração as fases sugeridas por Turato (2011), destacando pontos relevantes, como as leituras flutuantes e a atenção para aquilo que não foi dito e dado a entender nas entrevistas.

No que se refere aos aspectos éticos, foram levados em conta a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, considerando os princípios da ética em pesquisa com seres humanos. As atividades de campo somente tiveram início após aprovação pelo Comitê de Ética, aprovado sob Nº CAAE: 37530214.2.0000.5346. Com intuito de preservar a identidade de cada participante, as falas que seguem foram identificadas com letras E para entrevistado (a) e M ou F para masculino e feminino. Os números que seguem são de acordo com a entrevista realizada e a idade correspondente do entrevistado respectivamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise realizada, os dados conduziram à discussão dos significados atribuídos às visitas a um Cemitério Parque. A riqueza dos dados encontrados exigiu que os mesmos fossem divididos em três categorias: “Entre o pesado e o bonito”, “A morte escrachada versus a morte escondida” e “Cuidado e praticidade na contemporaneidade”.

### Entre o Pesado e o Bonito

*Um lugar mais bonito, um lugar bonito, florido, um lugar assim que não parece ser um cemitério, que parece ser um lugar realmente para descanso, onde as pessoas estariam descansando.... (E7, M,50).*

*Esses cemitérios, os outros, realmente são bem deprimentes (E7, M,50).*

A beleza do cemitério referido pela entrevistada parece ter muita importância para garantir o descanso do seu familiar. Ao comentar sobre os “outros”, refere-se aos cemitérios tradicionais, procurando valorizar o Cemitério Parque, no qual a configuração do espaço não dá a impressão de ser um cemitério, pois ali estão isentos quaisquer resquícios que possam lembrar a morte. Chiavenato (1998) fala que enterrar os mortos é de fato o que nos relaciona de forma mais intimamente com a morte, trazendo o significado de depositar de baixo da terra o corpo sem vida e ter a consciência de que este não terá outra chance a não ser sua decomposição. No entanto, como forma de negação, muitas vezes há a necessidade de criar a ilusão de que a pessoa não morreu ou ainda de que o local onde está enterrada não seja um cemitério. A indústria da morte, tão falada na atualidade, retrata todos os recursos existentes para deixar o corpo do morto o mais parecido possível ao de quando era vivo, com suas maquiagens e apetrechos. O modelo de Cemitério Parque não fica de fora, reforçando a todo momento que ali há vida e não morte, com a valorização do ambiente voltada para a sugestão da paz e da espiritualidade.

*Deprime a pessoa quando vai ali e vê aqueles mausoléus todos, daí ver aqueles imensos de pessoas de poder aquisitivo maior... aí outros que tu ver que não tinhas posses que tem um cantinho sabe. (E7, M,50).*

Mesmo se referindo aos mausoléus como algo que lhe deprime nos cemitérios tradicionais, E7 parece dar importância também para uma questão social que lhe desagrada, destacada pelas simbologias que estão presentes nos cemitérios tradicionais. Segundo a entrevistada, o poder aquisitivo fica evidente nos cemitérios tradicionais, em que os que têm



maior posse podem fazer sepulturas de grande porte e ou que não possuem fazem as mais simples. No Cemitério Parque, visivelmente todos são iguais e não há a preocupação de ser comparado a quem possa ter mais ou menos poder aquisitivo. Desta forma, a diferença social fica invisível e há garantia de que a pessoa morta não será julgada socialmente.

*Sempre pensei assim, aí negócio de enterrar em terra...no chão assim, no buraco de terra eu achava tão triste aquilo né, eu não aceitava aquilo ali[...] meu marido, ele perdeu a irmã, bem nova, ela era diabética né, daí a gente foi no sepultamento dela e eu vi aquele buraco e eles foram jogando terra, aí me deu uma tristeza quando eu vi aquilo, e daquele dia eu não aceitei isso. (E5, M,69)*

Elias (2001) sugere que o fato de saber sobre a morte é que gera dificuldades; portanto, o que causa terror da morte não é a morte em si, mas o que ela nos faz pensar. Ao se referir ao momento de ter visto o buraco e a terra sendo jogada, talvez E5 quisesse se referir ao quanto é doloroso ver a morte de frente. Participar de um funeral pode ser uma forma de acionar as pessoas para que reflitam e tomem consciência da morte. Momentos como este podem remeter a pensar na sua própria morte e, neste sentido, parece que a entrevistada sempre teve a impressão de que enterrar alguém era algo triste, mas no momento que assiste torna-se insuportável, talvez por imaginar alguém que ela amasse ou a ela mesma ser enterrada. Morin (1970) comenta que “as pompas da morte aterrorizam mais do que a própria morte”. Para o autor, o ser humano convive silenciosamente com o que denomina o “horror da morte”, nele envolvendo o terror da decomposição do corpo, da perda da individualidade e que serão os funerais uma possibilidade de dar vazão ao sentimento (Morin,1976, p. 27,31).

*Lá que eu posso falar com ele...lá tá o corpo dele...dentro do caixão.... e eu posso falar com ele a qualquer momento que eu quiser, pensando nele...mas o lugar, ele contribui assim... para essa questão de imaginar que ele está bem, porque o ambiente favorece...a forma como ele é cultivado.... acho que sim... diferente de outros tipos que tu vê o túmulo assim.... (E2, M, 21).*

*...Claro que no lado de baixo (expressão facial de contradição) estão os túmulos né, isso é inevitável né, mas o semblante, a aparência dele é mais bonita, mais tranquila. (E2, M, 21)*

Falar com o falecido no cemitério parece ter um sentido diferente. Um local tido como um jardim, limpo, bem cuidado, com proteção, parece interferir na forma como a entrevistada consegue imaginar em como seu familiar esteja onde estiver. Ao se referir “imaginar que ele

está bem”, faz uma ligação com o local onde o corpo foi deixado e segue bem cuidado, ao mesmo tempo que deixa claro que o que fica escondido é o feio, que seria o túmulo, o caixão, o corpo morto, mas que o que fica evidente, visível, é menos doloroso e assim torna-se belo.

Da mesma forma, sabe que do lado de baixo há um corpo morto, mas é melhor que este não apareça. Poderia se pensar em um mecanismo de negação, em que mesmo sabendo que o lugar é marcado pela morte, procura destacar a beleza e a vida. Em “Chaves para o Imaginário”, Mannoni (1973) comenta sobre uma fórmula denominada “eu sei, mas mesmo assim”. Segundo o autor, no decorrer do desenvolvimento humano, este vai fazendo arranjos ilusórios a partir de descobertas de algo que lhe seja intolerável, negando a ponto de se dar conta e dizer: “eu sei, mas assim mesmo” (Mannoni, 1973, p.11,12).

*Um aspecto mais tranquilizante assim....sim, porque ele é mais bonito, ele é mais claro, ele é mais amigável, parece que recebe melhor, não parece um lugar pesado, onde tem mortos, sabe...(ri) não sei explicar.... mas lá... acho que o lugar, infelizmente, acho que ele influencia, claro que lá.. eu sei que lá são corpos né, eu não tenho essa coisa de que ai, eu tenho que ir no cemitério. (E2, M, 21).*

*Então é uma coisa diferente, é um lugar bonito, é um lugar de sossego, de tranquilidade, então é isso que eu acho que passa para a gente, de tu estar num lugar que não parece um lugar assim... feio, um cemitério, sabe. Então é isso, um lugar bem tranquilo, muitas flores, muita cor, né, então... (E7, M,50).*

A beleza, a tranquilidade, muitas cores como referidas nas falas, parece ir ao encontro de uma demanda social da atualidade. Ao mesmo tempo, E2, ao falar que o local não aparenta um “lugar pesado, onde tem corpos”, se dá conta da contradição achando engraçado. Parece que há um desejo de não querer ver a morte, ficando, portanto, a beleza do espaço a exaltar a vida, se sobrepondo a morte, e assim, dando a entender que seja um jardim e não um cemitério. Entram no campo do imaginário, de saber que ali é um local que simboliza a morte, mas que preferem não ver, o visível é que torna o ambiente pesado, assim é preferível que a morte fique escondida.

Menezes e Gomes (2011) fazem referência aos diversos modelos de caixões usados nos sepultamentos na contemporaneidade. Segundo os autores, principalmente os adolescentes procuram valorizar modelos mais sofisticados e até individualizados, sempre ao encontro de preservar o belo. “Procura-se um lugar bonito e confortável” (Menezes e Gomes,

2011, p. 113). Talvez não somente nos caixões usados, mas também nos locais onde serão sepultados a busca seja a mesma, as buscas pelos Cemitérios Parque podem estar associadas ao encontro da beleza e tranquilidade, valorizada socialmente nos dias de hoje. Na contemporaneidade, o valor está muito marcado socialmente pelo belo, pelo conforto, por aquilo que fica visível aos olhos. Neste sentido, podendo ser considerado como o último presente ao morto (Parkes,1998).

### **A morte escrachada versus a morte escondida**

*Eu não gosto daquele (cemitério), como eu te falei, eu não gosto daqueles túmulos, daquelas coisas, não gosto disso.... (E1, M, 49).*

Tendemos a gostar daquilo que aos nossos olhos nos agrada, fugir de algo que possa remeter a pensar a morte pode ser uma forma de negar sua possibilidade de existir. E1 destaca seu desgosto pelos cemitérios tradicionais, pois ao se referir “daquelas coisas” parece querer dizer que as simbologias ali existentes lhe remetem a pensar na morte.

*Porque é muito estranho também porque quando a pessoa tem umaaaa....um túmulo uma coisa, tem a foto, mas é tão estranho ali né, no chão, no gramado, não sei.....até tem uma fotinho deles ali bem pequenininha mas... (E6, M,45)*

Mesmo sabendo ser uma sepultura e um cemitério, a ausência de algo que simbolize a individualidade do morto parece fazer diferença para os familiares. Ao indicar a falta de algo que remeta à memória dos pais, E6 sinaliza a dificuldade de conexão durante a visita com a memória daqueles que morreram durante a visita, assim como em reconhecer suas identidades. No caso do Cemitério Parque, não há túmulo, somente um monumento em meio a um gramado, identificado em uma lápide com o nome e datas de nascimento e morte. Há, neste tipo de cemitério, a intenção de se parecer com um parque, pois o foco principal deixa de ser os túmulos e passa a ser a paisagem. Segundo Ariès (1990), as visitas nos Cemitérios Parque terão sempre a intenção de remeter para a vida e não para a morte. Assim, reforça-se tudo o que lembra a vida, inclusive na exigência das flores que são levadas pelos familiares que precisam ser vivas e não de plástico; e o nome usado não é cemitério e sim Parque ou Jardim.

Estes aspectos puderam ser percebidos nas observações realizadas, quando foi possível perceber como ocorre a demonstração social da dor e como é o relacionamento do ser humano

com o espaço que guarda corpos mortos, o cemitério. É importante ressaltar o quanto o Cemitério Parque realça a vida e a beleza em seu cenário, com gramado verde, jardins floridos, bancos espalhados pelo espaço e música meditativa sendo reproduzida em caixas de som por todo o cemitério. Dentre as atividades do dia, um coral cantava no gramado, havia celebrações religiosas durante todo o dia, ambulância, venda de flores naturais e lanches, além da venda de jazigos. Destacou-se um quadro enorme exposto logo na entrada do gramado, com o formato de uma árvore, com a campanha “Meu Legado para o Futuro é”. Este propunha que as pessoas escrevessem em *postites* o que gostariam de fazer para o futuro em vida. No início, as pessoas se sentiram um pouco intimidadas, mas logo a árvore encheu-se e virou alvo de painel de fotos para os visitantes.

Em algumas sepulturas, foi possível observar a busca de identificação daquele que morreu por algum brinquedo, uma foto, uma mensagem, uma imagem de santo, um rosário, cuia, bico, cata-vento, etc. Após a chuva de pétalas, alguns juntavam pétalas, cobrindo a lápide de seu ente querido.

Como pôde ser percebido, há uma busca de identificação com aquele que morreu, algo que mostre sua identidade além do nome e datas de nascimento e morte. No entanto, tudo o que há neste tipo de cemitério remete a pensar na vida e não pensar na morte, refletir sobre futuro e não sobre o passado, o que talvez faça com que dê a aparência de leveza.

*É que tem gente que tem o costume de achar que tem que fazer um túmulo, bota fotos e coisa ali, tu parece que sente mais a presença da pessoa, sei lá, para alguns é assim.....Eu não, eu estou meio com esse bloqueio de não querer ir.....porque eu.....é tudo muito recente, sabe, daí, sei lá, daí machuca, dói. (E6, M,45)*

Catroga (2010), em seu estudo sobre o culto dos mortos, comenta que um túmulo vem a ser a articulação entre dois mundos, o invisível e o visível. No primeiro, há a função da higiene com este ficando em baixo da terra; no segundo há, na parte superior, com o objetivo de fazer a divisão entre os dois mundos, o dos vivos com o dos mortos. E é no monumento que se fará a tentativa de representar aquele que morreu; daí muitas vezes se percebe nas sepulturas objetos pessoais que possam representar algo da individualidade daquele que morreu ou qualquer coisa que o faça lembrar.

De certa forma, a entrevistada tenta se explicar que, no momento, encontra-se bloqueada, sem conseguir ir ao cemitério e, talvez, uma foto pudesse fazer facilitar a conexão. Thompson (2014), em seu estudo sobre a memória no espaço do cemitério, expõe que uma fotografia pode influenciar a memória, assim como qualquer símbolo presente que serão

“disparadores da lembrança da individualidade do falecido e da sua história de vida” (Thompson, 2014, p.99).

*.....Mas acho que a gente gostou porque os cemitérios que têm por aqui têm um estilo diferente, ele tem assim né....Ele não tem as caixas assim né....aqueles murinhos em volta né...e tem aquele gramado florido.....parece um lugar mais bonito assim...**parece que não venera a morte, sei lá....**(E2, M, 21)*

Elias (2001) comenta o quanto os cemitérios vêm refletindo a ocultação da morte e tudo o que a faz lembrar. Evita-se reconhecer no próprio nome da Instituição a nomenclatura de cemitério, reforçando a visão de um Parque ou Jardim e, assim, socialmente quando se fala em ir visitar um ente querido não se usa o termo cemitério e sim o nome da Instituição. Ao abordar a escolha por este cemitério, a entrevistada consegue dar um significado para a preferência, comentando sobre particularidades existentes no Cemitério Parque e nos cemitérios tradicionais. Para ela, o modelo Parque é aquele no qual se exalta a “beleza” e a qualquer lugar que se olhe remete-se à vida e não à morte. Já nos tradicionais se “venera a morte”, indo ao encontro de tudo que lembra a morte, o que faz pensar na terminalidade, neste caso, o feio por esconder a beleza.

Satie, (2009) ao abordar a questão do belo e do sublime em seu estudo, afirma que manifestamos interesse em um objeto por aquilo que é bom, ao que nos agrada, e que o sentimento da beleza será uma consequência. Para ele, “não desejamos a beleza; desejamos, sim, aquilo que nos falta, com o intuito de preenchermos um vazio determinado”. (Satie, 2009, p. 31). Neste sentido, é possível pensar que a beleza encontrada poderia ser algo que preenche o vazio da falta e, por esta razão, torna-se tão relevante.

No que se refere a ocultar a morte e venerar a vida, é possível observar algumas curiosidades que vêm sendo produzidas na contemporaneidade quanto ao uso de caixões, formas de sepultamento e objetos usados nos funerais. São exemplos carros fúnebres coloridos, procurando expressar o quanto a vida da pessoa foi colorida. Para estas pessoas, não teria sentido serem levadas ao seu enterro por um carro preto. O mercado funerário explora o universo jovem feminino, produzindo caixões de cores como rosa pink, sugerindo “tirar um pouco da tristeza”. Outro ponto em destaque é a venda do conforto, pois vende-se um espaço de conforto, como sendo o último possível destinado à pessoa que tanto se amava, dando a ideia de que possa diminuir a tristeza da família (Menezes & Gomes, 2011, p.113).

Na contemporaneidade, o valor está muito marcado socialmente pelo belo, pelo conforto, por aquilo que fica visível aos olhos. É nestes momentos que as empresas funerárias

apelam emocionalmente aos familiares enlutados, usando palavras como: mas é a última homenagem, e assim, mesmo, quando as condições financeiras não são favoráveis, compram o caixão mais bonito, mais confortável, enterram no lugar mais bonito (Morais, 2009).

*Porque a maioria dos cemitérios eu não acho bonito, né, eles são velhos, escuros, sujos, normalmente...claro, tem alguns melhorzinhos..., mas aquela... o murinho por exemplo, aquela...a gente vai num outro cemitério em Hamburgo Velho, onde tá o meu vô e tal, limpar o túmulo e tal...a ideia do túmulo eu acho feia, fica aquela caixa assim.... (mostra com as mãos), parece que está escrachado que o corpo, que ali está um corpo, sabe.. (E2, M, 21)*

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, o termo escrachado é definido como evidente, claro, exposto ao conhecimento de todos, ou ainda desmascarado. Ao reforçar o feio no modelo tradicional dos cemitérios e o belo no Cemitério Parque, a entrevistada deixa claro que o feio, neste caso, é a exposição da morte, pois o formato da caixa, do túmulo, dá visibilidade ao corpo morto e assim a morte fica visível aos olhos.

Segundo ela, a ideia do túmulo é feia, pois remete à morte; logo, procura-se formas de não vê-la, mesmo no cemitério, tido como lugar dos mortos. Esconder o feio dá a conotação de proteção de algo que talvez se tema pelo desconhecido. Chiavenato (1998) defende a concepção de que dentro da sociedade atual vivemos o fenômeno da negação inconsciente da morte. Para ele, cada vez mais tem se tentado criar a ilusão de que o morto está vivo através da preparação do cadáver; e estende-se após o sepultamento ao transformar os cemitérios em verdadeiros parques e jardins. Becker (2013) fala que o ser humano teme a morte e tem a consciência de sua existência; no entanto, nega-a, pois não poderia estar consciente o tempo todo para conseguir viver normalmente. É por isso que agimos como se a morte não existisse, como se fôssemos imortais; no entanto, em determinados momentos da nossa vida surgem situações que fazem com que estas defesas se afastem e o confronto com a morte não possa ser evitado.

Branco (2006) ilustra uma história infantil intitulada “o dia em que a morte quase morreu”, apresentando a história de duas irmãs gêmeas, a vida e a morte, tendo como pai o criador do mundo e a mãe a terra. Conta a história que a vida se destacava, pois trazia somente alegrias; já a morte começou a ser ignorada, pois trazia somente tristeza, motivo pelo qual acabaram se distanciando, fazendo com que a morte se tornasse uma mulher linda e vivesse escondida e a vida uma mulher bela, mas arrogante. Ao envelhecerem, reencontraram-se compreendendo a importância de cada uma e, assim, fizeram um acordo: a vida ajudaria o

nascimento e o desenvolvimento, preparando para o encontro com sua irmã. Já a morte ficou encarregada de cuidar do descanso de cada um que tivesse cumprido com seu papel na Mãe Terra, e acompanharia no caminho ao Pai Criador. Assim sendo, os seres vivos passam pela vida e pela morte.

### **O Cuidado e praticidade na contemporaneidade**

*Eu acho tão triste assim ver uma sepultura assim abandonada, que não tem nada né, então por isso eu já achei melhor ali por esse fato. A gente bota um vasinho de flor ali, aquilo fica ali. (E5, M,69)*

Manter a sepultura limpa com flores e conservá-la sempre foi tarefa dos familiares. Na atualidade, esta atividade é realizada por especialistas, empresas contratadas, as Indústrias Funerárias. Para Elias (2001), não deixa de ser uma forma de afastamento dos vivos para com os mortos. Este autor, em seu Livro “A Solidão dos Moribundos”, reflete sobre o distanciamento dos vivos com o moribundo, sugerindo que este afastamento segue após a morte no cuidado com a sepultura e, desta forma, contribuiu para que se perca a significação da mesma. E5, em sua fala, procura dizer que a conservação da sepultura e a possibilidade de não precisar se envolver com o cuidado de forma tão intensiva, a preocupação com o vandalismo e demais intercorrências, são atenuadas pelos funcionários do Cemitério Parque. De certa forma, parece que a indústria funerária vem contribuindo para reforçar este distanciamento, pois acaba-se deixando para terceiros o cuidado que antes era da família.

*É um dos únicos assim que, particular, assim que tu vai qualquer hora, resolve, diferente (E8, M,31).*

*Decidimos enterrar ali porque já era hora né, que era só chegar e a pessoa paga e enterra ali né (E8, M,31).*

A praticidade de um cemitério particular parece atrativa na contemporaneidade, pois tudo pode ser resolvido rapidamente, sem burocracia. Atualmente, as instituições religiosas nas grandes cidades já não comportam mais este tipo de relação. Existem os cemitérios municipais nos quais ainda são disponibilizados locais para sepultar em gavetas, que podem ser adquiridos em alguma necessidade com um valor mais em conta. Além desta opção, há os cemitérios particulares, nos quais a infraestrutura é arrojada e a indústria funerária investe a todo vapor, oferecendo vários benefícios, tais como: a qualquer hora poderá ser adquirido o local para o sepultamento, desde que se possua condições para pagar, não somente o local como também o condomínio que será a manutenção do local para sempre. Como atrativos,

são ofertados um ambiente limpo e organizado, alguém que fará a manutenção da sepultura, segurança a qualquer hora para as visitas e a certeza de que o local no qual foi sepultado não será violado.

*Eu me sinto bem lá, eu acho assim, que o que um cemitério tem que ter, tu saber que o teu, que a pessoa foi enterrada ali, não precisa tá lá enfeitando, botando coisa, é simples... (E1, M, 49).*

*É.....assim eu acho que é mais tranquilo porque é tudo limpo, você paga manutençãooooo, você não tem que tá se preocupando com a limpeza porque ali se a gente não ia limpar, ia ficar no meio do mato, e lá não, lá tu paga e sempre tá limpinho, sempre tá ajeitaaado, então fico tranquila porque não precisa mexer com ela. Daí a gente achou melhor não... (E4, M,60)*

Ao mencionar a forma como se sente neste cemitério, E1 reforça a comparação entre dois tipos diferentes e, de certa forma, a satisfação em relação a escolha realizada. Neuhaus (2012), em sua pesquisa sobre as diferenças e semelhanças encontradas nos cemitérios da contemporaneidade, sugere que as diferentes formas arquitetônicas irão provocar distintas percepções e emoções nos visitantes. Ao mesmo tempo, procura destacar a praticidade da vida contemporânea, o valor na simplicidade e a aceitação do novo modelo de cemitério. Da mesma forma, E4 procura destacar a praticidade da terceirização do cuidado mesmo depois da morte, pois na modernidade já não se tem tempo para limpar túmulos, plantar flores; paga-se pela tranquilidade, para alguém fazer o trabalho, pois prima-se pela praticidade.

A lógica da comodidade é uma das estratégias usadas pelo setor de vendas para persuadir clientes, pois envolve a praticidade na resolução de questões financeiras e práticas. Nesta modalidade de cemitérios, bastará o cliente fazer uma ligação e terá seus problemas resolvidos com baixo custo (Morais, 2009).

Mannoni (1995) indica que estamos falando de uma nova forma de se relacionar com a morte; por um lado, quando o adoecimento acontece, tende-se a transferir para o hospital o cuidado que antes era da família. Depois que a morte ocorre, tudo precisa transcorrer o mais rápido possível. A higienização e preparo do corpo é realizada por uma empresa funerária e no funeral é preciso seguir uma etiqueta, dizendo que o adequado é que não se faça grandes manifestações, que as emoções sejam contidas. Após o sepultamento, não é diferente, pois a vida deve voltar o mais rápido possível ao normal. O enlutado não tem permissão de permanecer por muito tempo lamentando a perda e os rituais vão sendo cada vez mais



simplificados. Desta forma, parece que a indústria funerária banaliza a morte na medida em que supre a necessidade rápida de uma sociedade, não somente durante o funeral, mas como pode ser visto, assumindo, mediante pagamento, a responsabilidade sobre o local de sepultamento.

Araújo (2012) aponta que, na modernidade, as empresas funerárias tomam conta do momento após a morte, o que acabou tornando-se um grande negócio. A família encontra-se vulnerável emocionalmente e, por isso, muitas vezes, procura não medir esforços para prestar as últimas homenagens à pessoa que morreu. Araújo (2012) comenta que o serviço funeral é vendido em comparação ao serviço de uma agência de turismo, destacando elementos como “tranquilidade, carinho, cuidado e outras amenidades num momento tão difícil são mensagens subliminares embutidas no serviço” (Araújo, 2012, p. 342). Em relação a terceirização de serviços fúnebres, Werlang & Mendes (2014), comentam que tem crescido consideravelmente esta modalidade na contemporaneidade.

*É um lugar bonito, entendeu, porque tu chega lá quando for, está sempre bem limpo, bem arrumado, bem florido, qualquer época do ano, qualquer dia, que tu for, tu sempre vai lá vai estar sempre bem arrumadinho, bem florido, bem bonito, sabe, então é um lugar que a gente se sente bem quando vai, entendeu...e o outro cemitério é isso que ...não que seja um lugar feio, né. (E7, M,50).*

*Aí aquele cemitério que a minha mãe está tá bem perigoso, porque eles andaram roubando flor, lá realmente não dá para ir sozinha, porque tem uns cara fumando escondido atrás dos túmulos (E8, M,31).*

*E no Jardim da Memória é mais seguro, mais organizado, mais limpo, claro, diferente neste sentido, né (E8, M,31).*

Aspectos como a beleza e a segurança que encontram, tanto ao visitar o cemitério quanto ao saber que estão bem cuidados na sua ausência, lhes trazem a tranquilidade de saber que o ente querido segue bem cuidado e seguro. Parece que não somente para a vida, mas também para após a morte há uma necessidade de busca pela segurança. Bauman (2007) fala, em seu livro “Vida Líquida”, que buscamos soluções rápidas com segurança sem uma preocupação com a durabilidade das coisas num sentido geral. Na sociedade líquida moderna, buscamos a qualquer preço extinguir qualquer tipo de sofrimento, pois aquele que sofre é considerado vítima e para não sermos vistos como vítimas precisamos solucionar qualquer situação que possa causar desconforto o mais rápido que pudermos. Desta forma, a ideia da

beleza é vendida como possibilidade de suprir a dor, como conforto. Além disto, Bauman (2007) fala do capital do medo, usado pela indústria como estratégia de venda, pois vivemos no auge do medo e é preciso garantir a segurança a qualquer preço para os vivos e os mortos.

Atualmente, os bens de consumo prometem não se tornar intrusos nem tediosos. Garantem que nos devem tudo enquanto nós nada lhes devemos. Prometem estar prontos para uso imediato, oferecendo satisfação instantânea sem exigir muito treinamento nem uma demorada economia de dinheiro - satisfazem sem demora (Bauman, 2007, p. 117).

Se, por um lado, temos pessoas sedentas de segurança, beleza, rapidez e desprendimento, por outro lado percebe-se a indústria indo ao encontro de suprir esta demanda com todo seu arsenal de serviços. É importante destacar o quanto a manifestação dos sentimentos em relação a perda encontra-se submetida a este leque de estratégias que a sociedade vem produzindo.

Em relação a manifestação de sentimentos no cemitério, através das observações de campo foi possível perceber, durante as visitas, que algumas pessoas choravam de forma discreta e isolada. Nas perdas mais recentes, que pôde ser percebida pelas datas que constavam nas lápides, havia um número maior de visitantes. Os jovens geralmente não estavam sozinhos, mas em grupo; haviam aqueles que preferiam vir sozinhos e sentar no gramado solitariamente. Algumas pessoas traziam cadeiras de praia e chimarrão e ficavam sentadas ao lado da lápide, assim como foi possível observar cachorros acompanhando as visitas. Como o cemitério fica localizado no alto de um morro, muitos visitantes usavam o local como um paradoro a observar a vista.

Em uma lateral do cemitério, de forma discreta, há uma cruz e espaço para queimar velas. Durante todo o dia, foi possível observar que havia sempre alguém queimando velas e rezando. Segundo Pereira (2013), não há, historicamente, uma explicação para a tradição de rezar pelos mortos. Sugere o autor que esta prática tem origem na história da igreja, que iniciava com a missa de corpo presente, seguida da missa de sétimo dia e aniversário, estendendo-se a rezar pelos mortos, originando, assim, o dia de rezar pelos mortos, o dia de finados. A vela acesa no cemitério simboliza a vida eterna do falecido.

O ápice deste dia de finados foi uma atividade promovida todos os anos pela administração do cemitério, a chuva de pétalas de rosas como uma homenagem aos mortos. No final da manhã, um helicóptero sobrevoou o cemitério, jogando pétalas de rosas sobre as sepulturas. Foi como se estivesse acontecendo um espetáculo, com as pessoas fazendo selfs e fotografando as crianças correndo para recolherem as pétalas. Neste ano, além da chuva de

pétalas, também foram jogados balões brancos, o que foi apreciado por todos e, logo após, as pessoas foram indo embora.

É possível que se esteja indo ao encontro do que Catroga (2010) diz ao se referir ao cemitério como um local onde “objetiva esteticamente o próprio reflexo inconsciente da sociedade” (p.170). Neste sentido, percebe-se que o modelo do Cemitério Parque pode estar refletindo socialmente a um desejo inconsciente de esconder e banir a morte.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, é possível concluir que as reflexões aqui trazidas abarcam pensar não somente na morte, mas também na vida. Beleza, pesado, feio ou bonito, são adjetivos trazidos como significados pelo olhar de quem carrega em si a marca da dor e da saudade pela perda de alguém que amava.

Os dados apontam para a valorização positiva de um cemitério que não se pareça como tal, um lugar que esconda a morte. A exaltação da vida pela valorização do gramado e jardins conduz o enlutado a evitar o pensamento na morte e se imaginar em um parque, pois fica o convite a pensar na vida, sobrando pouco para expressar a dor e saudade. Fica evidente que manifestações de sofrimento podem ser substituídas, evitadas, tão logo escondidas. Se esconde a morte e vive-se como se ela não existisse porque ela é feia e a vida é bonita; é preciso viver o belo e não o feio. Esquece-se de pensar no feio e perde-se a possibilidade de torná-lo mais belo, talvez pelo medo da morte.

Se falar da morte é falar da vida, o feio neste estudo pode ser entendido como a morte e o belo a vida. Há um desejo na contemporaneidade de esconder o feio, não mostrar nem tampouco falar, o que não deixa de ser uma forma de negação, evitando de falar da morte não se toma consciência da mesma, nem tampouco da vida.

A busca pelo conforto e praticidade nas atividades do dia a dia, nas relações, é também refletida na hora da morte. É possível perceber no cuidado com o corpo morto, nas últimas homenagens e até mesmo na manutenção dos cemitérios que passaram a ser terceirizados, com um valor, muitas vezes, que vai além no que lhes permitem.

A superficialidade das relações em vida aparece na hora da morte através dos cuidados com corpo, nos funerais e no cemitério. Prima-se por relações sem muito envolvimento afetivo na contemporaneidade, pois a fragilidade segue para depois da morte; assim, pensa-se que é possível evitar o sofrimento.

Por fim, as observações de campo realizadas permitiram conhecer o espaço e a forma como são as visitas ao cemitério. Foi possível perceber o quanto o dia de finados vira um dia de festa e homenagens, pois há momentos em que se caminha pelo cemitério e não se tem a impressão de estar no cemitério de fato. Afinal de contas, o objetivo deste espaço é justamente este e parece estar correspondendo às expectativas de uma demanda social. As expressões de dor e saudade são disfarçadas e poucos são os que conseguem manifestar seus sentimentos e quando o fazem é discretamente.

## REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (1990). *O Homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Araújo, B.de A. (2012). A Mercantilização da Morte na Sociedade de Consumo. *Habitus*, 10(2), 341-353.
- Bauman, Z. (2007). *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, E. (2013). *A negação da Morte*. Rio de Janeiro: Record.
- Branco, S. (2006). *O dia em que a morte quase morreu*. São Paulo: Salesiana.
- Chiavenato, J.J. (1998). *A morte uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna.
- Catroga, F. (2002). Recordar e Comemorar: A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. *Mimesis*, 23(2),13-47.
- Catroga, F. (2010) o culto dos mortos como uma poética da ausência. *ArtCultura*, 12(20), 163-182.
- Elias, N. (2001). *A Solidão dos Moribundos Seguido de “Envelhecer e Morrer”*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gennep, A.V. (1978). *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.
- Mannoni, M. (1995). *O Nomeável e o Inominável: A última palavra da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mannoni, O. (1973). *Chaves para o Imaginário*. Petrópolis: Vozes.
- Menezes, R.A.; Gomes E. de C. (2011) ”Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia*, 54(1).
- Minayo, M.C.S. (2010). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Morais, I.A.L. (2009). *Pela hora da morte, estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia do Grupo do Parque das Flores, em Alagoas*. (Tese doutorado), “Recuperado

de” (Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/12/pdf/dt01.pdf>).

Morin E.(1970). *O Homem e a Morte*. Lisboa: Publicações Europa América.

Neuhaus, P.G. (2012). *A Experiência do espaço na visita ao Cemitério Contemporâneo*. (Dissertação de Mestrado), “Recuperado de” (Universidade Federal do RS-UFRGS: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/65613>).

Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.

Pereira, J.C. (2013). Procedimentos para lidar com o tabu da morte. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2699-2709.

Satie, L. (2009). Estética e ética em Kant. *Rev. Filosofia Unisinos*, 10(1): 28-36, jan/abr.

Thompson, B. (2014). Memória e exaltação da vida no cemitério Monumental. *Sociais e Humanas*, 27(03), 89-107.

Turato, E. (2011). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Werlang R., Mendes J.M.R. (2014). Death over time: Brief notes about death and dying in the West. *Estudos de Psicologia*, 31(3) 437-449.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, faço uma retrospectiva de toda trajetória percorrida desde o despertar do tema da pesquisa, seu curso e o encerramento deste estudo. Cabe ressaltar que o interesse por esta pesquisa surgiu pela pesquisadora, após experiências em grupo de apoio ao luto, em que as visitas ao cemitério eram apresentadas pelos participantes como significativas dentro do processo do luto. Ao traçar o delineamento deste estudo, foi necessário rever teoricamente o que iria pautar e fundamentar o escopo deste estudo, tendo em vista que o objetivo principal não seria analisar psicologicamente os resultados, mas sim a compreensão do significado para os participantes.

Neste sentido, os resultados apontam que as visitas ao cemitério podem despertar vários sentimentos aos visitantes, entre eles a demonstração de afeto mesmo depois da morte de alguém querido. As visitas, a oferta de flores, orações, entre outras manifestações, foram trazidas como possibilidade de estender o cuidado com aquele que morreu. Sentimentos de culpa foram relatados quando as visitas não eram possíveis por algum motivo ou até mesmo por bloqueio emocional. A crença na comunicação entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos, através de atitudes frente as visitas, como acreditar que o morto pudesse se decepcionar com as atitudes dos vivos, ou ainda, em deixá-lo feliz. A evocação de memórias foi significativa quando das visitas, pois lhes permitiam lembrar momentos vividos. Neste sentido, parece que o cemitério acaba sendo um espaço que permite acionar emoções, que fora dali poderiam não ser acessíveis. Cabe ressaltar que, socialmente, a manifestação de dor e expressões de sentimentos vêm dando lugar ao engessamento e ao embotamento, dificultando, assim, a compreensão das perdas.

O espaço do cemitério parque foi apresentado como um lugar que não remete a pensar na morte e sim na vida, pela beleza e tranquilidade. Por outro lado, o cemitério tradicional, como comparativo nos relatos, era visto como um lugar pesado e remetendo a morte. Neste sentido, é possível evidenciar que o feio seria onde a morte é exposta, visível, e o bonito onde fica escondida e não vista aos olhos. Uma reflexão se faz necessária quanto ao que se vive na contemporaneidade no sentido da busca pela praticidade, segurança e beleza. Busca-se não somente para a vida, mas também na morte; desta forma, é possível inferir que há, de certa forma, uma busca em corresponder a uma demanda social. Justifica-se assim, a crescente terceirização através do mercado funerário.

Ao analisar os significados, é possível perceber o quanto a negação da morte se faz presente, sendo exemplificada nas evitações das visitas ao cemitério ou ainda no comportamento como se a pessoa ainda estivesse viva. Socialmente, corresponde-se a esta negação, fazendo se necessário indagar-se quanto a necessidade que se faz em dispensar mais espaços a pensar e falar sobre a morte como parte da vida.

Evidenciou-se, neste estudo, o quanto que a Psicologia se ocupa pouco em falar sobre o ritual na morte através do pequeno número de publicações encontradas. As valorizações dos rituais em outros momentos da vida puderam ser encontradas em alguns autores; no entanto, a morte ainda é um pouco explorada. Foi necessário que a pesquisadora fizesse um exercício constante para que análises psíquicas não fossem incorporadas ao estudo, podendo ser esta uma justificativa do desencantamento pela temática por alguns profissionais da área.

Mediante as reflexões advindas da realização deste estudo, é possível salientar que a morte ainda é mantida a distância dos vivos, mesmo que já incluída em currículos acadêmicos. Sugere-se, assim, que novos estudos possam ser realizados, a fim de fomentar a discussão, pois compreendendo melhor o significado do comportamento dos vivos frente a morte será possível proporcionar uma melhor compreensão do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ARAÚJO, B.de A. A Mercantilização da Morte na Sociedade de Consumo. **Habitus**, v.10, 2, p. 341-353, 2012.
- ARAÚJO, M.G.F. **Pequenas Romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico para o dia dos finados**. 2009. 122f. (Dissertação de Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas gerais, 2011.
- ASSOCIAÇÃO CEMITÉRIO DOS PROTESTANTES-ACEMPRO. **Cemitério da Paz 50anos**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.acempro.com.br/content/cemiterio-da-paz-50-anos>.
- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAYARD, J.P. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.
- BASTIANELLO, E.M.T. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública étnica e artefactual (1858-1950)**. (Dissertação de Mestrado), - Universidade federal de Pelotas- UFPEL, 2010. Disponível em: [http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO.\\_Elaine\\_Maria.\\_dissertacao\\_2010.pdf](http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO._Elaine_Maria._dissertacao_2010.pdf)).
- BECKER, E. **A negação da Morte**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- BRANCO, S. **O dia em que a morte quase morreu**. São Paulo: Salesiana, 2006.
- CASSORLA, R.M.S. **Da morte: Estudos Brasileiros**. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- CATROGA, F. Recordar e Comemorar: A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. **Mimezis**, v.23, n.2, p.13-47, 2002.
- CATROGA, F. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, v.12, n.20, p.163-182, 2010.
- CHIAVENATO, J. J. **A morte uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.



D'ORIO, R. T. **Histórias de fins, histórias sem fins**: Um estudo sobre rituais no processo do luto. (Tese de Doutorado), - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp145743.pdf> ).

ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos Seguido de “Envelhecer e Morrer”**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Rio de Janeiro: Imago. (Obras completas, v. XIV), (1974). ([1915-1917]).

GENNEP, A.V. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

HOROCHOVSKI M.T.H.; RASIA J.M. Rituais fúnebres em memórias de velhos. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1113-1130, 2011.

KASTENBAUM, R.; AISENBER, R. **Psicologia da Morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.

KOVÁCS. M.J. Educação para a Morte. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v.25, n.3, p.484-497, 2005.

KOVÁCS, M. J. **Morte e Desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

KOVÁCS, M.J., & VAICIUNAS, N. & ALVES, E.G.R. Profissionais do serviço funerário e a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.34, n. 4, p.940-954, 2014.

MANNONI, M. **O Nomeável e o Inominável: A última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MANNONI. O. **Chaves para o Imaginário**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MAQUÊA, V. Sobre Das “Unheimliche”, de S. Freud. **Rev. Ecos**, Ed. n. 5, 2007. “Recuperado de”: [http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v\\_05/61\\_Pag\\_Revista\\_Ecos\\_V-05\\_N-02\\_A-2007.pdf](http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_05/61_Pag_Revista_Ecos_V-05_N-02_A-2007.pdf).

MENEZES, R.A.; GOMES E. de C. ”Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Rev. de Antropologia**, v.54, n.1, 2011.

MINAYO, M.C.de S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORAIS, I.A.L. **Pela hora da morte, estudo sobre o empresariar da morte e do morrer**: uma etnografia do Grupo do Parque das Flores, em Alagoas. 2009, f. (Tese doutorado), - Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. 2009.

MORIN E. **O Homem e a Morte**. Lisboa: Publicações Europa América, 1970.

NEUHAUS, P. G. **A Experiência do espaço na visita ao Cemitério Contemporâneo**. (Dissertação de Mestrado), - Universidade Federal do RS-UFRGS. 2012. Recuperado de: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/65613/000869835.pdf;sequence=1>).

NIEMEYER, R.A. Reconstructing meaning in bereavement: summary of a research program. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.28, n.4, p.421-426, 2011.

NOGUEIRA, R. de S. Elos de memória: passado e presente, cemitério e sociedade. **Vivência: Rev. de Antropologia**, v.39, p.81-89, 2012.

NORA, P. Entre memória e Histórias, a problemática dos lugares. **Rev. Puc**, 1993. Recuperado de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>.

PARKES, C. M. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, J.C. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n.9, p.2699-2709, 2013.

REEVES, N.C. Death Acceptance Through Ritual. **Rev. Death Studies**, v.35, p. 408-419, 2011. Recuperado de: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07481187.2011.552056>

REESINK, M. L. Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. **Rev. Etnográfica**, Universidade Federal de Pernambuco - UFP, v. 16, n.2, p.365-386, 2012. Recuperado de: <http://etnografica.revues.org/1535#text>.

ROSS, E. K. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RODRIGUES, J.C. (ed.lit.). A Morte numa Perspectiva Antropológica. Em: INCONTRI, D. & SANTOS, F.S. (org.). **A Arte de Morrer: Visões Plurais**. São Paulo: Comenius, 2007. P.129-136.

ROOK. D. W. Dimensão do Ritual do Comportamento de consumo. **Rev. Marshall School of Business** – University of Southern California, RAE Clássicos, n.47, 2007.

RUSCHEL, P.P. **Quando o luto adoce o coração: Luto não elaborado e infarto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SANTANA, R.O. **Depois da Perda:** desafios e possibilidades da vivência do luto na hipomodernidade. 2010, 149f. (Dissertação Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. 2010.

SATIE, L. Estética e ética em Kant. **Rev. Filosofia Unisinos**, v.10, n.1, p.28-36, 2009.

SOARES, M.A.P. As Representações da Morte: imagens, memória e afeto. **Rev. Conversas Interdisciplinares**, Universidade Luterana do Brasil-Ulbra, Ano I, v.1. 2002. Recuperado de: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12514851/ler-revista-conversas-interdisciplinares-ulbra-torres>.

THOMPSON, B. Memória e exaltação da vida no cemitério Monumental. **Sociais e Humanas**, v.27, n.3, p. 89-107, 2014.

TURATO, E. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TURNER, V.W. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura.** Petrópolis, Vozes, 1974.

WALSSH, F.; MCGOLDRICK. M. (1998). **Morte na Família: Sobrevivendo às Perdas.** Artmed, Porto Alegre, 1998.

WERLANG, R, MENDES, J.M.R. (2014). Death over time: Brief notes about death and dying in the West. **Estudos de Psicologia**, 31(3) 437-449.

WEBER, F.; BEAUD, S. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

## APÊNDICE



### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Título do Projeto:** O ritual de visitação ao cemitério, sentidos e significados: Um estudo qualitativo em um cemitério-parque da região Sul do Brasil.

**Autor do projeto:** Janete Maria Ritter - Psicóloga, Mestranda em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria

**Orientador:** Professor Doutor Alberto Manuel Quintana

**Objetivo:** Compreender o significado da visitação a um cemitério parque para as pessoas enlutadas.

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Antes de decidir, é importante que entenda o motivo da realização do estudo e qual sua finalidade. Estaremos a sua disposição, pessoalmente, na Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Ciências Sociais e Humanas - Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1750, 3º andar, Sala 309, CEP: 97015-372, Santa Maria-RS, para prestar qualquer esclarecimento, caso você precise de maiores informações.

Sua participação será voluntária, onde será entrevistado(a) e poderá se afastar a qualquer momento do estudo, sua identificação será resguardada e mantida em sigilo. Os resultados da pesquisa serão divulgados aos participantes da pesquisa e a comunidade geral e científica. Esta divulgação, em qualquer meio de apresentação, se fará de forma a garantir a confidencialidade dos dados.

Caso haja algum prejuízo por quaisquer danos decorrentes dessa pesquisa, compensações serão disponibilizadas de acordo com as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

CEP/UFSM: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - Sala 702 Cidade Universitária - Bairro Camobi - Santa Maria – RS. Tel.: (55)32209362; e-mail: [comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br)

Equipe de pesquisa: Coordenador, Prof. Dr. Alberto M. Quintana (Tel: 3220-9231; e-mail: [albertom.quintana@gmail.com](mailto:albertom.quintana@gmail.com)); Psicóloga Janete Maria Ritter (Tel: (51)85277070 e-mail: [janeteritter@hotmail.com](mailto:janeteritter@hotmail.com))

Se você achar que foi bem informado (a) e quiser participar voluntariamente desta pesquisa, permitindo que os resultados da mesma sejam publicados, deverá assinar este documento que consta de duas vias. Uma das vias ficará com você e a outra conosco.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos que porventura possam surgir.

Santa Maria, de de 2015.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

CEP/UFSM: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - Sala 702 Cidade Universitária - Bairro Camobi - Santa Maria – RS. Tel.: (55)32209362; e-mail: [comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br](mailto:comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br)

Equipe de pesquisa: Coordenador, Prof. Dr. Alberto M. Quintana (Tel: 3220-9231; e-mail: [albertom.quintana@gmail.com](mailto:albertom.quintana@gmail.com)); Psicóloga Janete Maria Ritter (Tel: (51)85277070 e-mail: [janeteritter@hotmail.com](mailto:janeteritter@hotmail.com))



### **Termo de Confidencialidade**

**Título do projeto:** O ritual de visitação ao cemitério, sentidos e significados: Um estudo qualitativo em um cemitério-parque da região Sul do Brasil.

**Pesquisador responsável:** Alberto Manuel Quintana

**Instituição/Departamento:** UFSM/PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Telefone para contato:

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de entrevista gravada com autorização do participante. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM – Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Ciências Sociais e Humanas - Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1750, 3º andar, Sala 309, CEP: 97015-372, Santa Maria-RS, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ...../...../....., e recebeu o número Caae .....

Santa Maria,.....de .....de 20.....

---

Psic. Janete Maria Ritter  
Pesquisadora  
Mestranda em Psicologia

---

Dr. Alberto M. Quintana  
Orientador/ Pesquisador responsável  
Professor Associado do Departamento  
de Psicologia da UFSM.



**Pontos norteadores a serem considerados para a entrevista semidirigida**

- 1- Tempo que ocorreu a morte
- 2- Grau de parentesco
- 3- Como foi a decisão pelo local do sepultamento
- 4- Como são para você as visitas ao cemitério
- 5- O que significa para você visitar o túmulo
- 6- Quais sentimentos as visitas ao cemitério costumam causar
- 7- Ao longo do período em que você tem visitado o cemitério, ocorreu alguma modificação em seus sentimentos? Explique

## ANEXOS





## Anexo A

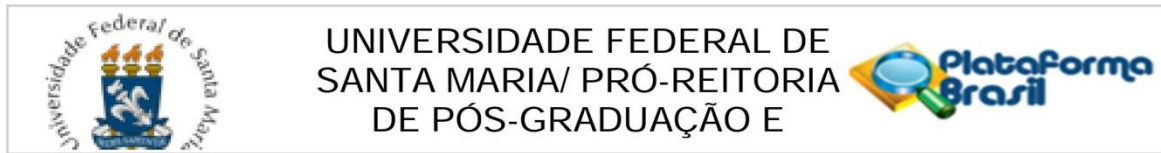
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM		1.2.1.20.1.01 Projetos na Inteira		Data: 29/09/2014 Hora: 11:57			
<b>Título: O ritual de visitação ao cemitério, sentidos e significados: Um estudo qualitativo em um cemitério-parque da região Sul do Brasil</b>							
<b>Número do Projeto:</b> 038449	<b>Classificação Principal:</b> Pesquisa	<b>Data Inicial:</b> 01/10/2014	<b>Data Final:</b> 30/03/2016				
<b>Registrado em:</b> 29/09/2014	<b>Situação:</b> Em trâmite para registro	<b>Avaliação:</b> Não avaliado no ano corrente	<b>Última Avaliação:</b>				
<b>Fundação:</b> Não necessita contratar fundação		<b>Nº do Projeto na Fundação:</b>					
<b>Supervisor Financeiro:</b>		<b>Valor Previsto:</b>					
<b>Pagamento de Bolsa:</b> Não paga nenhum tipo de bolsa				<b>Valor Máximo da Bolsa:</b>			
<b>Bolsas Pagas Pelo Projeto:</b> Não se aplica					0,00		
<b>Proteção do Conhecimento:</b> Projeto não gera conhecimento passível de proteção.		<b>Tipo de Proteção:</b> Não se aplica					
<b>Tipo de Evento:</b> Não se aplica	<b>Carga Horária:</b> Não se aplica	<b>Alunos Matriculados:</b> Não se aplica	<b>Alunos Concluintes:</b> Não se aplica				
<b>Palavras-chave:</b> Ritual, Morte, Psicologia da Saúde							
<b>Resumo:</b> Atuando como coordenadora de um grupo de apoio a enlutados dentro de um Cemitério Parque no período de um ano, pude me aproximar não só do ambiente físico, mas também do sofrimento das pessoas que perderam alguém próximo e vivenciavam a visitação ao cemitério como parte do ritual do luto. Nesta experiência era comum o relato de pessoas quanto a necessidade de visitar semanalmente por meses o túmulo, e quando não a faziam demonstravam sentimento de culpa por não terem cumprido com o ritual. Objetiva Compreender o significado da visitação a um cemitério parque para as pessoas enlutadas. Verificar como os enlutados lidam com o processo de visitação ao cemitério; Compreender o sentido da escolha desse cemitério comparado a um cemitério tradicional.							
<b>Observação:</b>							
<b>Participantes</b>							
<b>Matrícula</b>	<b>Nome</b>	<b>Vínculo Institucional</b>	<b>Função</b>	<b>Bolsa</b>	<b>C. Horária (semanal)</b>	<b>Data Inicial</b>	<b>Data Final</b>
379606	ALBERTO MANUEL QUINTANA	Docente	Orientador		2 horas	01/10/2014	30/03/2016
201461151	JANETE MARIA RITTER	Aluno de Pós-graduação	Autor		20 horas	01/10/2014	30/03/2016
<b>Unidades vinculadas ao projeto</b>							
<b>Unidade</b>	<b>Função</b>	<b>Valor</b>	<b>Data Inicial</b>	<b>Data Final</b>			
06.41.00 - DEPTO. PSICOLOGIA - PSI	Responsável		01/10/2014	30/03/2016			
<b>Classificações</b>							
<b>Classificação</b>	<b>Item da classificação</b>						
Classificação CNPq	7.07.00.08-1 - Psicologia da Saúde						
Grupo do CNPq	014 - NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE						
Linha de pesquisa	06.00.00 - CCSH						
Quanto ao tipo de projeto de pesquisa	2.03 - Projeto de Dissertação						

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM		1.2.1.20.1.01 Projetos na Inteira		Data: 29/09/2014 Hora: 11:57	
<b>Arquivos anexos</b>					
<b>Nome do arquivo</b>	<b>Tipo</b>	<b>Incluído em</b>			
Projeto 2014-09-24.doc	Plano do Projeto	29/09/2014			
<b>Regiões de atuação</b>					
<b>Cidade</b>	<b>UF</b>	<b>País</b>	<b>Data inicial</b>	<b>Data final</b>	
Santa Maria	RS	Brasil	01/10/2014	30/03/2016	
<b>Atividades</b>					
<b>Atividades</b>	<b>Início previsto</b>	<b>Início efetivo</b>	<b>Final previsto</b>	<b>Final efetivo</b>	
Página: 2					

## Anexo B

 <p>Your complimentary use period has ended. Thank you for using PDF Complete.</p> <p><a href="#">Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features</a></p>	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM</b>		Data: 16/10/2014 Hora: 15:21				
	1.2.1.20.1.01 Projetos na Integra						
<p><b>Objetivos e significados:</b> Um estudo qualitativo em um cemitério-parque da região Sul do Brasil</p>							
<p><b>Número do Projeto:</b> 038449  <b>Registrado em:</b> 29/09/2014  <b>Fundação:</b> Não necessita contratar fundação  <b>Supervisor Financeiro:</b>  <b>Pagamento de Bolsa:</b> Não paga nenhum tipo de bolsa  <b>Bolsas Pagas Pelo Projeto:</b>          Não se aplica</p>	<p><b>Classificação Principal:</b> Pesquisa  <b>Situação:</b> Em andamento</p>	<p><b>Data Inicial:</b> 01/10/2014  <b>Avaliação:</b> Novo/Registrado  <b>Nº do Projeto na Fundação:</b>  <b>Valor Previsto:</b></p>	<p><b>Data Final:</b> 30/03/2016  <b>Última Avaliação:</b></p>				
<p><b>Proteção do Conhecimento:</b> Projeto não gera conhecimento passível de proteção.  <b>Tipo de Evento:</b> Não se aplica  <b>Palavras-chave:</b> Ritual, Morte, Psicologia da Saúde</p>		<p><b>Tipo de Proteção:</b> Não se aplica  <b>Alunos Matriculados:</b> Não se aplica</p>	<p><b>Valor Máximo da Bolsa:</b> 0,00  <b>Alunos Concluintes:</b> Não se aplica</p>				
<p><b>Resumo:</b> Atuando como coordenadora de um grupo de apoio a enlutados dentro de um Cemitério Parque no período de um ano, pude me aproximar não só do ambiente físico, mas também do sofrimento das pessoas que perderam alguém próximo e vivenciavam a visitação ao cemitério como parte do ritual do luto. Nesta experiência era comum o relato de pessoas quanto a necessidade de visitar semanalmente por meses o túmulo, e quando não a faziam demonstravam sentimento de culpa por não terem cumprido com o ritual.  <b>Objetiva:</b> Compreender o significado da visitação a um cemitério parque para as pessoas enlutadas. Verificar como os enlutados lidam com o processo de visitação ao cemitério; Compreender o sentido da escolha desse cemitério comparado a um cemitério tradicional.</p>							
<b>Observação:</b>							
<b>Participantes</b>							
<b>Matrícula</b>	<b>Nome</b>	<b>Vínculo Institucional</b>	<b>Função</b>	<b>Bolsa</b>	<b>C. Horária (semanal)</b>	<b>Data Inicial</b>	<b>Data Final</b>
379606	ALBERTO MANUEL QUINTANA	Docente	Orientador		2 horas	01/10/2014	30/03/2016
201461151	JANETE MARIA RITTER	Aluno de Pós-graduação	Autor		20 horas	01/10/2014	30/03/2016
<b>Unidades vinculadas ao projeto</b>							
<b>Unidade</b>	<b>Função</b>	<b>Valor</b>	<b>Data Inicial</b>	<b>Data Final</b>			
06.41.00 - DEPTO. PSICOLOGIA - PSI	Responsável		01/10/2014	30/03/2016			
<b>Classificações</b>							
<b>Classificação</b>	<b>Item da classificação</b>						
Classificação CNPq	7.07.00.08-1 - Psicologia da Saúde						
Grupo do CNPq	014 - NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE						
Linha de pesquisa	06.00.00 - CESH						
Quanto ao tipo de projeto de pesquisa	2.03 - Projeto de Dissertação						
Página: 1							

 <p>Your complimentary use period has ended. Thank you for using PDF Complete.</p> <p><a href="#">Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features</a></p>	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM</b>		Data: 16/10/2014 Hora: 15:21				
	1.2.1.20.1.01 Projetos na Integra						
<p><b>Objetivos e significados:</b> Um estudo qualitativo em um cemitério-parque da região Sul do Brasil</p>							
<p><b>Resumo:</b> Atuando como coordenadora de um grupo de apoio a enlutados dentro de um Cemitério Parque no período de um ano, pude me aproximar não só do ambiente físico, mas também do sofrimento das pessoas que perderam alguém próximo e vivenciavam a visitação ao cemitério como parte do ritual do luto. Nesta experiência era comum o relato de pessoas quanto a necessidade de visitar semanalmente por meses o túmulo, e quando não a faziam demonstravam sentimento de culpa por não terem cumprido com o ritual.  <b>Objetiva:</b> Compreender o significado da visitação a um cemitério parque para as pessoas enlutadas. Verificar como os enlutados lidam com o processo de visitação ao cemitério; Compreender o sentido da escolha desse cemitério comparado a um cemitério tradicional.</p>							
<b>Observação:</b>							
<b>Participantes</b>							
<b>Matrícula</b>	<b>Nome</b>	<b>Vínculo Institucional</b>	<b>Função</b>	<b>Bolsa</b>	<b>C. Horária (semanal)</b>	<b>Data Inicial</b>	<b>Data Final</b>
379606	ALBERTO MANUEL QUINTANA	Docente	Orientador		2 horas	01/10/2014	30/03/2016
201461151	JANETE MARIA RITTER	Aluno de Pós-graduação	Autor		20 horas	01/10/2014	30/03/2016
<b>Unidades vinculadas ao projeto</b>							
<b>Unidade</b>	<b>Função</b>	<b>Valor</b>	<b>Data Inicial</b>	<b>Data Final</b>			
06.41.00 - DEPTO. PSICOLOGIA - PSI	Responsável		01/10/2014	30/03/2016			
<b>Classificações</b>							
<b>Classificação</b>	<b>Item da classificação</b>						
Classificação CNPq	7.07.00.08-1 - Psicologia da Saúde						
Grupo do CNPq	014 - NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE						
Linha de pesquisa	06.00.00 - CESH						
Quanto ao tipo de projeto de pesquisa	2.03 - Projeto de Dissertação						
Página: 1							
<b>Regiões de atuação</b>							
<b>Cidade</b>	<b>UF</b>	<b>País</b>	<b>Data inicial</b>	<b>Data final</b>			
Santa Maria	RS	Brasil	01/10/2014	30/03/2016			
<b>Atividades</b>							
<b>Atividades</b>	<b>Início previsto</b>	<b>Início efetivo</b>	<b>Final previsto</b>	<b>Final efetivo</b>			
<p>Projeto 2014-09-24.doc</p> <p>Tipo: Plano do Projeto Incluído em: 29/09/2014</p>							
Página: 2							



## COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O ritual de visitação ao cemitério, sentidos e significados: Um estudo qualitativo em um cemitério-parque da região Sul do Brasil.

**Pesquisador:** Alberto Manuel Quintana

**Versão:** 2

**CAAE:** 37530214.2.0000.5346

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

### DADOS DO COMPROVANTE

**Número do Comprovante:** 094085/2014

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

**Bairro:** Camobi

**CEP:** 97.105-970

**UF:** RS

**Município:** SANTA MARIA

**Telefone:** (55)3220-9362

**E-mail:** cep.ufsm@gmail.com